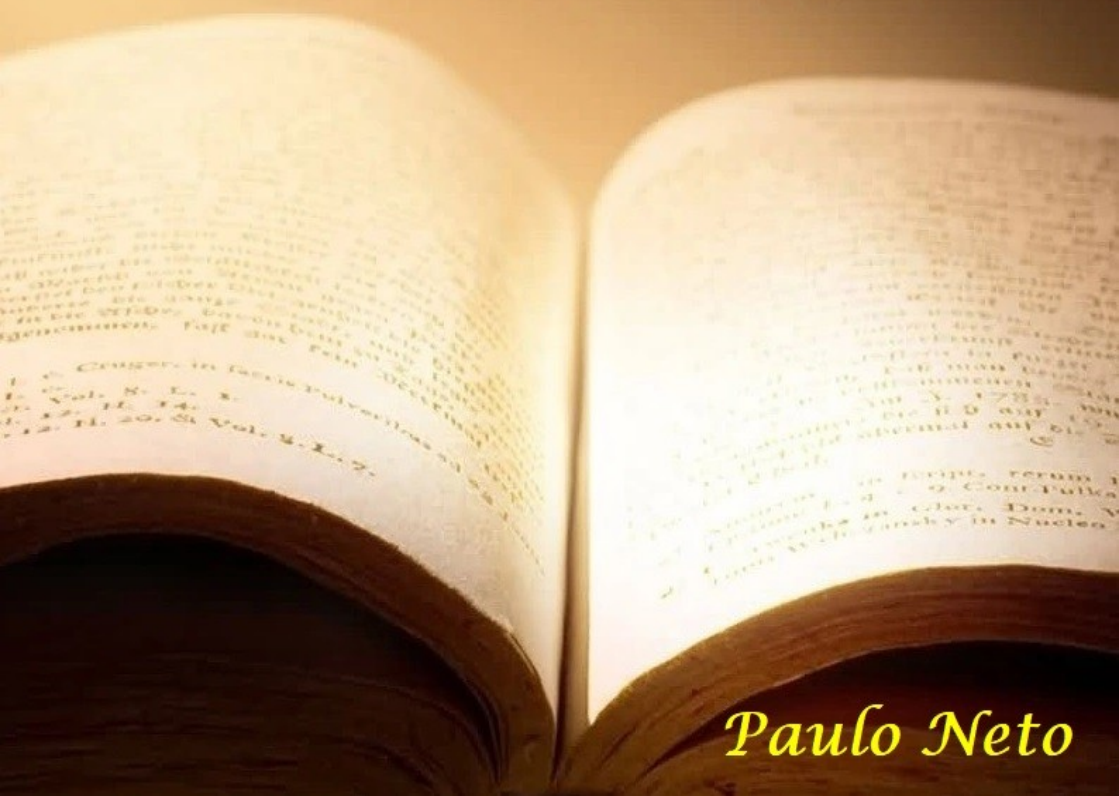


*Toda escritura é
mesmo inspirada?*



Paulo Neto

Toda Escritura é mesmo inspirada?

(Versão 7)

“Não é porque uma coisa está escrita que ela é verdadeira”. (RENAN, 2004)

“As coisas estão num ponto tal que os homens não admitem mais ser corrigidos a esse respeito, defendendo obstinadamente aquilo a que se agarram como se fosse a religião”. (ESPINOSA, 2003)

“A crítica não conhece textos infalíveis; seu primeiro princípio é admitir a possibilidade de um erro no texto que estuda”. (RENAN, 2004)

Paulo Neto

Copyright 2014 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

[http://www.littlenaturalcottage.com/wp-content/
uploads/2011/06/word.light_.jpg](http://www.littlenaturalcottage.com/wp-content/uploads/2011/06/word.light_.jpg)

Revisão:

João Frazão de Medeiros Lima

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, junho/2014.

Índice

Prefácio.....	3
Introdução.....	6
O que dizem os especialistas e exegetas?.....	10
A que se refere o termo “escrituras” utilizado no Novo Testamento?.....	31
A origem do texto que se supõe Paulo o autor.....	35
Apela-se também para Pedro.....	55
Conclusão.....	78
Referências bibliográficas.....	90
Dados biográficos do autor.....	94

Prefácio

Nesse Prefácio faremos constar vários pensamentos do filósofo Baruch de Espinosa (1632-1677), por julgá-los pertinentes à presente pesquisa.

Tomemos, então, de sua notável obra intitulada ***Tratado Teológico-Político***:

Como os homens são por temperamento bastante diferentes, e, como uns preferem esta, outros aquela opinião, inspirando a uns sentimentos religiosos o que a outros só provoca escárnio, concluo ser necessário deixar a cada um a liberdade de julgar e a possibilidade de interpretar os fundamentos da fé segundo a sua maneira de ser, e não se ajuizar da fé de ninguém a não ser pelas suas ações, conforme forem piedosas ou ímpias. Só assim poderão todos obedecer a Deus de livre e inteira vontade e dar valor apenas à justiça e à caridade. ⁽¹⁾

Quando lemos um livro em que vêm coisas inacreditáveis ou incompreensíveis, ou um livro que está escrito em termos extremamente obscuros, se não sabemos quem é o seu autor, em que época em que ocasião foi escrito, debalde

tentaremos saber ao certo o seu verdadeiro sentido. ⁽²⁾

Ora, se todos possuem o pleno direito de pensar livremente, mesmo em matéria religiosa, não podendo sequer conceber-se alguém que renuncie a esse direito, então todos são igualmente possuidores do pleno direito e da plena autoridade de julgar em matéria religiosa e, conseqüentemente, de a explicarem e interpretarem para si próprios. ⁽³⁾

Admira-me bastante, pois, a engenhosidade de pessoas,... que enxergam na Escritura mistérios tão profundos que se torna impossível explicá-los em qualquer língua humana e que, além disso, introduziram na religião tantas matérias de especulação filosófica que a Igreja até parece uma academia e a religião uma ciência, ou melhor, uma controvérsia. ⁽⁴⁾

O comum dos teólogos, todavia, entende que se devem interpretar metaforicamente aquelas passagens em que se atribuem a Deus coisas que eles conseguem ver pela luz natural serem incompatíveis com a natureza divina, ao passo que tudo aquilo que escapa à sua capacidade de compreensão se deverá aceitar à letra. Porém, se todas as passagens daquele gênero que se encontram na Escritura tivessem obrigatoriamente de ser interpretadas e entendidas metaforicamente, então a Bíblia não teria sido escrita para o povo e para o vulgo ignorante, mas unicamente para os especialistas, designadamente os filósofos. ⁽⁵⁾

Demos por incontestável que nem a teologia tem de subordinar-se à razão, nem a razão à teologia, visto cada uma delas possuir o seu próprio domínio: a razão, como já dissemos, o domínio da verdade e do saber; a teologia, o domínio da piedade e da obediência. ⁽⁶⁾

A vontade de um homem não pode estar completamente sujeita a jurisdição alheia, porquanto ninguém pode transferir para outrem, nem ser coagido a tanto, o seu direito natural ou a sua faculdade de raciocinar livremente e ajuizar sobre qualquer coisa. ⁽⁷⁾

Outros pensamentos utilizaremos no decorrer de nossos argumentos.

O autor

Introdução

Sempre nos aparecem pessoas ligadas aos tradicionais segmentos cristãos defendendo a origem divina da Bíblia. Para sustentar essa posição, usam da seguinte passagem:

“Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda boa obra”. (2 Timóteo 3,16-17)

Ora, como foram os homens que a escreveram, é muito estranho retirar da própria Bíblia algo para provar sua veracidade, a nosso ver isso não é agir com bom senso. Seria algo semelhante a aceitar o argumento de um falsário de que aquilo que ele produziu é verdadeiro.

Como já dissemos, em várias outras oportunidades, usar desse tipo de argumentação é ficar, no sentido bem literal, rodando em círculo.

Aliás, os que fazem isso, via de regra, são aqueles que dificilmente leem alguma coisa fora do meio religioso em que vivem. A esse tipo de pessoa bem se aplica o teor desta frase: *“Quem ouve um sino só escuta um som, não podendo, portanto, saber se está afinado.”* (LETERRE, 2004)

Essa forma de argumentação é, segundo Rodrigo Farias, do tipo “Raciocínio circular ou Petição de Princípio”, que, em **Falácias e Erros de Raciocínio**, assim o explica:

Esse é um erro comuníssimo em debates ou pregações religiosas. Trata-se simplesmente de afirmar a mesma coisa com outras palavras. Alguns exemplos:

1. *“Por que a Bíblia é a Palavra de Deus? Ora, porque ela foi inspirada pelo próprio Criador.”*

ou, ainda, no que eu chamaria de “**variação Tostines**”:

2. *“A Bíblia é perfeita porque é a Palavra de Deus. E como sabemos que ela é a Palavra de Deus? Pela sua perfeição.”*

Esse exemplo é fácil de encontrar, especialmente nos meios evangélicos mais conservadores. É importante ressaltar que ele foi

posto aqui apenas para ilustrar um tipo de raciocínio falacioso muito frequente, não para desmerecer a Bíblia ou a crença de quem quer que seja.

Um exemplo laico agora:

3. *“Eu acho que alpinismo é um esporte perigoso porque é inseguro e arriscado.”*

Dizer que algo é “inseguro e arriscado” não é o mesmo que dizer que ele é “perigoso”? Ora, o que essa “explicação” acrescentou que justificasse a ideia de que alpinismo é perigoso? Nada. Simplesmente, repetiu-se a primeira afirmação com outras palavras.

4. “Por que eu sou a pessoa mais indicada para o trabalho? Porque eu descobri que, dentre todos os outros candidatos, e considerando minhas qualificações, eu sou a melhor pessoa para o trabalho.”

Valem as mesmas observações. Porém prestemos atenção num detalhe: às vezes, quando a “justificativa” é muito longa, podemos nos perder e não notarmos que a pessoa acabou não dando evidências para aquilo que disse. Um exemplo trágico poderia ser a frase de Goebbels, propagandista do regime nazista alemão: “Uma mentira, repetida muitas vezes, acaba se tornando uma verdade.” Afirmações muito repetidas podem ganhar um status tal que as pessoas podem nunca ter parado para pensar realmente no porquê de acreditarem nelas. Crenças inculcadas desde a

infância ou em períodos de fragilidade emocional são casos típicos. Por isso, tenhamos a máxima prudência com aquilo que nos chega aos ouvidos e com a maneira como abordaremos certas crenças arraigadas num debate; antes de questionar os outros, convém darmos uma olhada na nossa própria fé em certas premissas, que talvez nunca tenhamos analisado criticamente. ⁽⁸⁾ (itálico do original)

Portanto, como esse tipo de argumentação não faz sentido, devem encontrar – se for possível – outra melhor.

O que dizem os especialistas e exegetas?

Vejamos o que especialistas e exegetas dizem a respeito dos textos bíblicos. Será que a maioria deles atesta a sua “autenticidade” como sendo realmente de inspiração divina?

Espinosa faz uma interessante observação, que é bem atualíssima; vejamo-la na sua obra **Tratado Teológico-Político**:

Toda a gente diz que a Sagrada Escritura é a palavra de Deus que ensina aos homens a verdadeira beatitude ou caminho da salvação: na prática, porém, o que se verifica é completamente diferente. **Não há, com efeito, nada com que o vulgo pareça estar menos preocupado do que em viver segundo os ensinamentos da Sagrada Escritura.** É ver como andam quase todos fazendo passar por palavra de Deus as suas próprias invenções e não procuram outra coisa que não seja, a pretexto da religião, coagir os outros para que pensem como eles. **Boa parte, inclusive, dos teólogos está preocupada é em saber como extorquir dos Livros Sagrados as suas próprias**

fantasias e arbitrariedades, corroborando-as com a autoridade divina. ⁽⁹⁾ (o grifo em negrito é nosso, padrão que adotaremos. Quando ocorrer de não ser nós avisaremos)

Falando a respeito das interpretações, que visam esconder as contradições existentes na Bíblia, Espinosa apresenta um argumento desconcertante, tanto quanto oportuno, qual seja:

Os comentadores, porém, na tentativa de conciliar essas contradições manifestas, inventa cada um aquilo que pode e o engenho lhe deixa, e, enquanto estão assim adorando as letras e as palavras da Escritura, mais **não fazem, como já o dissemos, que expor os autores da Bíblia ao ridículo**, a ponto de parecer até que eles não sabiam falar nem expor com nexos aquilo que tinham para dizer. ⁽¹⁰⁾

E, ainda, sobre os que creem cegamente em tudo que consta da Bíblia, Espinosa não deixou também de fazer valiosas considerações, com o seguinte teor:

Julgam que é piedoso não se fiar na razão e no próprio juízo e que é ímpio duvidar daqueles

que nos transmitiram os livros sagrados: mas isso não é piedade, é pura demência! Afinal, pergunto eu, o que é que os preocupa? O que é que receiam? Porventura a religião e a fé só podem ser mantidas se os homens forem totalmente ignorantes e despedirem definitivamente a razão? **Se é isso o que pensam, então é porque a Escritura lhes inspira mais medo que confiança.** ⁽¹¹⁾

Sempre estamos recorrendo a esse renomado filósofo, porquanto, vemos muito do que falou como coisas bem atuais, que, se não o citássemos como de sua lavra, certamente, elas seriam tomadas como sendo de um autor hodierno.

Uma posição que merece ser lembrada é a dos estudiosos Russel N. Champlin (1933-2018) e J. M. Bentes, constante de um dos volumes da obra ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 1***, da qual transcrevemos os trechos:

Finalmente, devemos lembrar que **as declarações de que a Bíblia não contém erro alicerçam-se sobre o dogma humano** e levaram séculos para se desenvolver. **A própria Bíblia não revindica isso para si mesma.** [...].

[...] Mas, supor que eles [os autores sagrados]

tivessem de estar certos em tudo não passaria de dogmas humanos que precisavam de séculos para se desenvolver. **Os próprios autores não reivindicaram inerrância; e mesmo que o tivessem feito, não poderiam comprová-la.** Aquele que precisa apelar para o mito da inerrância é um infante espiritual que precisa de mamadeira adredemente preparada. [...] ⁽¹²⁾

Tiro mortal: *“aquele que precisa apelar para o mito da inerrância é um infante espiritual que precisa de mamadeira adredemente preparada”.*

Não vamos, neste presente estudo, relacionar textos bíblicos para provar que eles não são inspirados, porquanto já fizemos isso em várias outras ocasiões; apenas deixaremos registrado que nem tudo é o que nos parece ser.

Tomaremos da obra **A Bíblia: Uma Biografia**, de autoria de Karen Armstrong, especialista em temas de religião, em particular sobre judaísmo, cristianismo e islamismo, os seguintes trechos:

Muitos anos se passariam, porém, antes que o jeovismo se tornasse uma religião do livro. **Os exilados haviam levado muitos rolos do arquivo**

real de Jerusalém consigo para a Babilônia, e lá estudaram e editaram esses documentos. Se tivessem permissão de voltar para casa, esses registros da história e do culto do seu povo poderiam desempenhar um importante papel na restauração da vida nacional. **Mas os escribas não encaravam esses Escritos como sacrossantos e se sentiam livres para acrescentar novas passagens, alterando-as para adequá-las à suas novas circunstâncias. Não tinham ainda noção alguma de texto sagrado.** Na verdade, **existiam muitas histórias no Oriente Médio sobre tábuas celestes que haviam descido miraculosamente à terra e comunicado conhecimentos secretos, divinos.** Corriam histórias em Israel sobre as pedras gravadas que Jeová dera a seu profeta Moisés, que falara com ele face a face ⁽¹³⁾. Mas os rolos do arquivo de Judá não pertenciam a esse grupo e não desempenhavam nenhum papel no culto de Israel. ⁽¹⁴⁾

Embora fossem reverenciados, **esses textos ainda não haviam se tornado “Escritura”.** **As pessoas sentiam-se livres para alterar Escritos mais antigos,** mas havia um cânone de livros sagrados prescritos. Mas eles começaram a expressar as aspirações mais elevadas da comunidade. Os deuteronomistas que celebravam a reforma de Josias estavam convencidos de que Israel se encontrava no limiar de uma nova era gloriosa; contudo, em 622 ele foi morto num conflito em o Exército egípcio. [...] ⁽¹⁵⁾

[...] No fim do século II, houve uma explosão de piedade apocalíptica. Em novos textos, judeus descreveram visões escatológicas em que Deus intervinha poderosamente nos negócios humanos, estraçalhava a presente ordem corrupta e inaugurava uma nova era de justiça e pureza. Enquanto lutava para encontrar uma solução, o povo de Judá dividiu-se numa miríade de seitas, cada uma insistindo que somente ela era o verdadeiro Israel. ⁽¹⁶⁾. Esse foi, contudo, um período bastante criativo. **O cânone da Bíblia ainda não fora finalizado. Ainda não havia Escritura definitiva, nenhuma ortodoxia, e poucas seitas sentiam-se obrigadas a se conformar a leituras tradicionais da Lei e dos Profetas. Algumas até se sentiam em liberdade para escrever Escrituras inteiramente novas.** A diversidade do final do período do Segundo Templo foi revelada quando a biblioteca da comunidade de Qumram foi descoberta em 1942. ⁽¹⁷⁾

Portanto a nossa proposta aqui será apenas a análise da frase com a qual abrimos esse estudo.

Entretanto, para uma visão geral, traremos a seguinte informação resultante do grupo *The Jesus Seminar* (Seminário de Jesus), que contou, entre exegetas e teólogos, com cerca de duzentos acadêmicos, que se debruçaram, por sete anos, no exame dos Evangelhos.

No livro ***Em Defesa de Cristo: Um Jornalista Ex-ateu Investiga as Provas da Existência de Cristo***, o autor Lee Strobel nos informa:

Em última análise, esses acadêmicos chegaram à conclusão de que Jesus jamais disse 82% do que os evangelhos atribuem a ele. A maior parte dos 18% restantes foram considerados duvidosos, sobrando apenas 2% de dizeres incontestavelmente autênticos. ⁽¹⁸⁾

Ao que nos parece a informação de Boyde, em relação aos 2%, pode não estar totalmente correta, porquanto os percentuais apurados no Seminário de Jesus (SJ).

O prof. José Pinheiro de Souza (1938-2014), na obra ***Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica***, cita outros valores:

[...] Os pesquisadores do SJ chegaram a concluir que apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos

Evangelhos pode ser, de fato, consideradas autênticas, ou seja, aproximadamente 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são verdades históricas, mas crenças cristãs (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 1) ⁽¹⁹⁾

Isso nos leva a crer que Boyde pegou os 18% e deduziu 16%, sobrando os 2%, quando na realidade, isso não poderia ter sido feito, pois versam sobre temas diferentes, ou seja, enquanto um trata de 18% das palavras o outro já se refere a 16% das ações.

Mesmo levando-se em conta esses dois percentuais distintos, vê-se que a coisa é muito mais séria do que, inicialmente, poder-se-á supor.

Uma outra opinião, que reputamos de grande valor, é a do ex-evangélico Bart D. Ehrman, porquanto ele é considerado, segundo os entendidos, a maior autoridade em Bíblia do mundo. Ehrman é Ph.D. em Teologia pela *Princeton University* e dirige o Departamento de Estudos Religiosos da *University of North Carolina*, Chapel Hill. É, também, especialista em Novo Testamento, igreja primitiva, ortodoxia e heresia, manuscritos antigos e na vida de Jesus.

Ehrman gravou uma série de conferências, muito populares nos Estados Unidos, para a *Teaching Company*, além de ser prefaciador do livro *Evangelho de Judas*, publicado recentemente. Leiamos o que ele afirma em seu livro **O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê:**

[...] Eu sempre voltava a meu questionamento básico: de que nos vale dizer que a Bíblia é a palavra infalível de Deus se, de fato, não temos as palavras que Deus inspirou de modo infalível, mas apenas as palavras copiadas pelos copistas – algumas vezes corretamente, mas outras (muitas outras!) incorretamente? De que vale dizer que os autógrafos (isto é, os originais) foram inspirados? Nós não *temos* os originais! **O que temos são cópias eivadas de erros, e a vasta maioria delas são centúrias retiradas dos originais e diferentes deles**, evidentemente, em milhares de modos. ⁽²⁰⁾

[...] Uma coisa é dizer que os originais foram inspirados, mas a verdade é que não temos os originais. Então, dizer que eles foram inspirados não me serve de grande coisa, a não ser que eu possa reconstruir os originais. E além disso, a vasta maioria dos cristãos, em toda a história da Igreja, não teve acesso aos originais, fazendo de sua inspiração um objeto de

controvérsia. Nós não apenas não temos os originais, como não temos as primeiras cópias dos originais. Não temos nem mesmo as cópias das cópias dos originais, ou as cópias das cópias das cópias dos originais. **O que temos são cópias feitas mais tarde, muito mais tarde. Na maioria das vezes, trata-se de cópias feitas séculos depois. E todas elas diferem umas das outras em milhares de passagens.** ⁽²¹⁾

Em suma, meus estudos do Novo Testamento grego e minhas pesquisas dos manuscritos que o contêm me levaram a repensar radicalmente o meu entendimento do que é a Bíblia. Antes disso – a começar de minha experiência de novo nascimento no ensino fundamental, passando por meu período fundamentalista no Moody, até **chegar aos meus tempos de evangélico** em Wheaton –, minha fé baseava-se completamente em uma certa visão da Bíblia como palavra infalível de Deus, integralmente inspirada. Agora, deixei de ver a Bíblia desse modo. **A Bíblia passou a ser para mim um livro completamente humano. Do mesmo modo como os copistas humanos copiaram, e alteraram, os textos das Escrituras, outros autores humanos escreveram os originais dos textos das Escrituras.** Ela é um livro humano do começo ao fim. E foi escrita por diferentes autores humanos, em diferentes épocas e em diversos lugares para atender a diferentes necessidades. Muitos desses autores, sem dúvida, se sentiam inspirados por Deus para dizer o que disseram, mas tinham suas próprias perspectivas,

suas próprias crenças, seus próprios pontos de vista, suas próprias necessidades, seus próprios desejos, suas próprias compreensões, suas próprias teologias. Tais perspectivas, crenças, pontos de vista, necessidades, desejos, compreensões e teologias deram forma a tudo o que eles disseram. Por todas essas razões é que esses escritores diferem um do outro. Entre outras coisas, isto significava que Marcos não disse a mesma coisa que Lucas porque não quis dar a entender o mesmo que Lucas. João é diferente de Mateus – eles não são os mesmos. Paulo é diferente dos de Atos dos Apóstolos. E Tiago é diferente de Paulo. Cada autor é um autor humano e precisa ser lido por aquilo que ele (supondo que se trate sempre de autores homens) tem a dizer. **A Bíblia, feitas todas as contas, é um livro inteiramente humano.**

Essa era uma perspectiva inédita para mim, obviamente em tudo distinta da visão que eu tinha quando **era um cristão evangélico** – e que não é a visão da maioria dos evangélicos de hoje. ⁽²²⁾ (itálico do original)

Mas será que Ehrman não estaria sendo radical? É o que veremos no decurso deste estudo.

Em relação à Bíblia judaica, surge-nos um problema, porquanto a quantidade de livros que ela possuía não é a mesma que hoje vemos no Antigo

Testamento constante de Bíblias cristãs. Informa-nos Ehrman:

[...] algum tempo depois do início do cristianismo, **uma série desses livros hebraicos – vinte e dois deles – passou a ser considerada cânon sagrado das Escrituras**, a Bíblia judaica atual, aceita pelos cristãos como a primeira parte do cânon cristão, o Antigo Testamento ⁽²³⁾. ⁽²⁴⁾

Essa informação, sobre a quantidade de livros, é confirmada por Flávio Josefo (37-103 d.C.), um historiador hebreu, autor de *História dos Hebreus*, obra que, talvez, possa ter sido a fonte de Ehrman:

[...] Não pode haver, de resto, nada de mais certo do que os escritos autorizados entre nós, pois que eles não poderiam estar sujeitos a controvérsia alguma, porque só se aprova o que os profetas escreveram há vários séculos, segundo a verdade pura, por inspiração e por movimento do espírito de Deus. Não temos pois receio de ver entre nós um grande número de **livros** que se contradizem. Temos somente **vinte e dois** que compreendem tudo o que se passou, e que se refere a nós, desde o começo do mundo até agora, e aos quais somos obrigados a prestar fé. **Cinco são de Moisés**, que refere tudo o que aconteceu até sua morte, durante perto de três mil anos e a sequência dos

descendentes de Adão. **Os profetas** que sucederam a esse admirável legislador, escreveram em **treze outros livros**, tudo o que se passou depois de sua morte até o reinado de Artaxerxes, filho de Xerxes, rei dos persas e os **quatro outros livros, contêm hinos e cânticos** feitos em louvor a Deus e preceitos para os costumes. Escreveu-se também tudo o que se passou desde Artaxerxes até os nossos dias, mas como não se teve, como antes, uma sequência de profetas não se lhes dá o mesmo crédito, que aos outros livros de que acabo de falar e pelos quais temos tal respeito, que ninguém jamais foi tão atrevido para tentar tirar ou acrescentar, ou mesmo modificar-lhes a mínima coisa. **Nós os consideramos como divinos**, chamamo-los assim: fazemos profissão de observá-los inviolavelmente e morrer com alegria se for necessário, para prová-lo. [...]. ⁽²⁵⁾

Podemos concluir que, no tempo de Josefo, o Antigo Testamento só possuía vinte e dois livros, enquanto que, hoje, na Bíblia usada pelos católicos, ele possui quarenta e seis livros, e na dos protestantes apenas trinta e nove livros; mesmo assim, cada um dos dois segmentos afirma ser a sua Bíblia a verdadeira, como se a verdade pudesse ter, como uma moeda, “duas faces”.

Certamente que os protestantes poderão alegar que seus livros do Antigo Testamento são os mesmos da Bíblia Judaica, apenas estão colocados fora de ordem. Tudo bem, mas nos coloca diante de uma nova questão: quem os autorizou a mudar a ordem dos livros da Bíblia Judaica, quando da incorporação deles na Bíblia que usam?

Visando apenas completar as informações sobre Josefo, transcrevemos, respectivamente, das obras ***A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*** e ***Bíblia: Verdade e Ficção***:

[...] Josefo oferece informações sobre **o cânon de livros inspirados dos judeus**, cujo número diz reduzir-se a “somente 22” (Contra Apião 1,37-43). O cânon conhecido por Josefo **difere do da Bíblia hebraica no máximo em um único livro**, pela omissão do Ecl ou do Ct. ⁽²⁶⁾

[...] Como, quando e quem já tinha concordado que eram especiais? Em reação a esse ponto, só dispomos de um indício fragmentário, **algumas afirmações feitas por Josefo na década de 90 d.C.**

Nelas, Josefo, comparava as escrituras judaicas com os muitos textos conflitantes dos gregos: os

judeus, dizia, ele, não tinham milhares de livros inconsistentes, mas “apenas 22, que são devidamente reconhecidos e contêm os registros de todos os tempos”. Ele não relacionava quais eram estes livros, mas é certo que se referia aos cinco livros da lei, aos treze livros de história que recuavam até a época de Artaxerxes (todos escritos, segundo acreditava ele, pelos profetas) e aos quatro “livros de hinos a Deus e preceitos para a conduta humana” (Salmos, provérbios e, presumivelmente, o Cântico dos Cânticos e o Eclesiastes). Também conhecia outros livros além desses 22, mas os considerava inferiores, embora fossem livros de história (não tinha sido escritos por profetas). ⁽²⁷⁾

Com isso, nós ficamos diante de uma nova encruzilhada: qual delas é a verdadeira? A de Josefo, a dos católicos ou a dos protestantes? Optamos pela de Josefo.

Muito provavelmente temos no historiador, escritor e professor australiano Geoffrey Norman Blainey a razão pela qual o Novo Testamento foi juntado ao Antigo, usado pelo judaísmo. De ***Uma Breve História do Cristianismo***, transcrevemos:

Durante seus dois primeiros séculos de

existência, o cristianismo enfrentou um obstáculo: competia com religiões criadas havia muito tempo. Os romanos tendiam a apreciar o antigo. Adoravam os deuses antigos. Sua admiração por Homero, Platão e Aristóteles devia-se, em parte, ao fato de serem antigos. Os romanos questionavam o seguinte: se o cristianismo continha uma verdade vital, por que essa verdade não foi descoberta pelos grandes homens do passado? **Para vencer esse preconceito, os cristãos enfatizaram sua ligação com a religião judaica, muito mais antiga.** ⁽²⁸⁾

Achamos bem plausível essa explicação de Blainey.

No desenrolar desse estudo, veremos que vários outros estudiosos questionam a autoria dessas cartas como sendo de Paulo.

E para complicar ainda mais a situação, nem mesmo se sabe, com segurança, quem foram os autores dos livros bíblicos; incluindo os constantes do Novo Testamento, mais recentes do que os da Bíblia judaica:

[...] Ainda hoje, muitos estudiosos relutam em chamar os documentos forjados do Novo

Testamento de fraudes – afinal, é a Bíblia que estamos falando. Mas a realidade é que, por qualquer definição do termo, é isso o que eles são. **Um grande número de livros dos primórdios da Igreja foi escrito por autores que alegaram falsamente ser apóstolos para enganar os leitores e fazê-los aceitar seus livros e os pontos de vista que representavam.** ⁽²⁹⁾

"Não sabemos quem escreveu os evangelhos. Quando apareceram, eles circularam anonimamente, e **só mais tarde foram atribuídos a figuras importantes da Igreja primitiva.** ⁽³⁰⁾ Os autores eram cristãos judeus, ⁽³¹⁾ que escreviam em grego e viviam nas cidades helenísticas do Império Romano. **Eram não somente escritores criativos – cada um com suas tendências particulares –, mas também redatores competentes, que editaram materiais anteriores.** Marcos escreveu por volta de 70; Mateus e Lucas no final dos anos 80, e João no final dos anos 90. Os quatro evangelhos refletem o terror e a ansiedade desse período traumático. [...]. ⁽³²⁾

Então, se não temos nenhuma certeza de quem, realmente, são os autores dos Evangelhos, como lhes atribuir origem divina? A não ser por puro fanatismo religioso...

E quanto ao Novo Testamento como um todo, é

oportuno transcrever o que Ehrman diz de sua formação:

[...] Hoje, muitos cristãos podem achar que o cânon do Novo Testamento simplesmente surgiu um dia, logo após a morte de Jesus... nada mais distante da verdade. Tendo isso claro, podemos identificar a primeira vez em que um cristão listou os vinte e sete livros do nosso Novo Testamento – nem mais, nem menos. Por mais surpreendente que possa parecer, esse cristão escrevia na segunda metade do século IV, mais ou menos trezentos anos depois que os livros do Novo Testamento tinham sido escritos. O autor foi um poderoso bispo de Alexandria chamado Atanásio. No ano 367 E.C., Atanásio escreveu sua carta pastoral anual às igrejas egípcias sob sua jurisdição e, nela, incluiu um conselho acerca de quais livros deviam ser lidos como escritura nas igrejas. Ele relaciona vinte e sete livros, com exclusão de todos os demais. Essa é a primeira instância que chegou ao nosso conhecimento de alguém declarando que esse nosso conjunto de livros era o Novo Testamento. Mas nem o próprio Atanásio resolveu a questão de uma vez por todas. Os debates continuaram durante décadas, durante séculos até. Os livros que hoje chamamos de Novo Testamento não foram reunidos em um cânon e declarados Escrituras, em instância última e final, sem que se passassem centenas de anos depois que os textos em si tinham sido produzidos. ⁽³³⁾

Certamente que se os livros, que compõem o Novo Testamento, foram escritos trezentos anos antes de alguém citá-los como fazendo parte dele, muita coisa pode ter sido mudada em relação ao que, de fato, aconteceu, pois é sabido que “*quem conta um conto, aumenta um ponto*”.

Ademais, cabe-nos a pergunta: como foram escolhidos? Encontramos a resposta em Pepe Rodríguez, autor do livro ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada***, do qual transcrevemos:

A seleção dos evangelhos canónicos foi feita no concílio de Niceia (325) e ratificado no de Laodiceia (363). **O *modus operandi*, ou o processo utilizado, para distinguir entre textos verdadeiros e falsos, foi, segundo a tradição, o da “eleição milagrosa”.** Foram apresentados, de facto, quatro versões para justificar a preferência pelos quatro livros canónicos: 1) depois de os bispos terem rezado muito, os quatro textos voaram por si sós e foram pousar-se sobre um altar; 2) puseram todos os evangelhos em competição sobre um altar e os apócrifos caíram ao chão, enquanto os canónicos não se mexeram; 3) depois de escolhidos, os quatro foram colocados sobre o altar e foi pedido a Deus que se neles

houvesse qualquer palavra falsa os fizesse cair ao chão, o que não sucedeu com nenhum deles; 4) o Espírito Santo, na forma de uma pomba, penetrou no recinto de Niceia e pousando no ombro de cada bispo sussurrou a cada um deles quais eram os evangelhos autênticos e quais os apócrifos. Esta última versão revelaria, além do mais, que uma boa parte dos bispos presentes no concílio eram surdos ou muito incrédulos, visto ter havido grande oposição à selecção – por voto maioritário, que não unânime – dos quatro textos canónicos actuais. ⁽³⁴⁾
(itálico do original)

Seja lá qual tenha sido a forma de escolha, dentre as aqui apresentadas, não resta dúvida que ela não teve como base nenhum critério técnico, apenas valeram-se da sorte. E ainda assim acreditam tenham sido inspirados... Como o fanatismo embota a inteligência das pessoas, cegando-as completamente.

Diante de tudo isso, temos que ter muito cuidado ao tirar alguma coisa das Escrituras, pois nem tudo que está lá é inspiração divina, conforme nos confirma Paul Johnson, autor de ***História do cristianismo***:

[...] o estudo dos textos escriturais, aplicando os novos métodos de análise histórica e com auxílio da filologia e da arqueologia, revelaram **as Escrituras** como uma coletânea de documentos muito mais complexa do que se havia imaginado até então – **um assombroso composto de alegorias e fatos, a ser peneirado como qualquer outra peça de literatura antiga.** ⁽³⁵⁾

Temos que abrir a mente para aceitar, pacificamente, essa triste realidade ou seremos levados de roldão pelo maremoto causado pelas descobertas arqueológicas ou pelo resultado da análise crítica dos textos bíblicos feito pelos especialistas.

A que se refere o termo “escrituras” utilizado no Novo Testamento?

Um ponto importantíssimo, que não o podemos relegar a segundo plano, é o fato de saber se Paulo de Tarso (ca. 5-67), quando escrevia, estava pensando que, no futuro, suas cartas e as dos outros autores bíblicos fariam parte das Escrituras.

Em ***Quem escreveu a Bíblia: Porque os autores da Bíblia não são quem pensamos que são***, Bart D. Erhman, explica que:

O próprio Paulo não pensava escrever “Escritura”. Ele estava escrevendo cartas pessoais a suas igrejas. Também eles trataram esses escritos, ao recebê-los, como correspondência pessoal. Apenas mais tarde, após a morte de Paulo, diferentes igrejas e indivíduos reuniram essas cartas e começaram a vê-las como Escritura. [...]. ⁽³⁶⁾

Vejamos também o que Karen Armstrong, estudiosa do judaísmo, do cristianismo e do

islamismo, diz sobre isso na obra **A Bíblia: uma biografia**:

[...] Paulo viajou muito na diáspora e fundou comunidades na Síria, na Ásia Menor e na Grécia, determinado a disseminar o evangelho até os confins da Terra antes que Jesus retornasse. Ele escreveu cartas a seus conversos, respondendo às suas perguntas, exortando-os e explicando a fé. **Paulo nem por um instante pensou que fazia uma “Escritura”; como estava convencido de que Jesus retornaria ainda durante a sua vida, nunca imaginou que as gerações futuras estudariam cuidadosamente suas epístolas.** Era considerado um mestre consumado, mas tinha plena consciência de que seu temperamento explosivo significava que não era apreciado em toda parte. Contudo, suas cartas às igrejas de Roma, Corinto, Galácia, Filipos e Tessalônica ⁽³⁷⁾ foram preservadas, e, após sua morte, no início dos anos 60, **escritores cristãos que o reverenciavam escreveram em seu nome e desenvolveram suas ideias em cartas às igrejas de Éfeso e Colossos, e redigiram cartas supostamente póstumas dirigidas a Timóteo e Tito, companheiros de Paulo.** ⁽³⁸⁾

Portanto, apoiar-se naquilo que, no Novo Testamento, se atribui a Paulo não é uma boa alternativa para justificar-se a inspiração divina da

Bíblia.

E no caso específico das cartas dirigidas a Timóteo e a Tito, por terem sido escritas após a morte de Paulo, a única maneira de preservar a autoria delas, como sendo de Paulo, é considerá-las como resultado de uma psicografia, o que contrariará o dogma das igrejas cristãs sobre a impossibilidade de comunicar-se com os mortos.

Podemos corroborar com a obra ***As Várias Faces de Jesus***, de autoria de Geza Vermes (1924-2013), que disse:

[...] Finalmente, as cartas de Paulo, que já formavam um corpo literário, são chamadas de “Escrituras” (3:15-16). **Em todos os outros livros do Novo Testamento, e mesmo no cristianismo posterior, só o Velho Testamento ostenta este título.** ⁽³⁹⁾

Acrescentamos ainda o exegeta Bart D. Ehrman que, em seu livro ***O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê***, afirma:

[...] Para os escritores do Novo Testamento, incluindo nosso mais antigo autor, Paulo, as “escrituras” apontavam para a Bíblia judaica, a coletânea de livros que Deus dera a seu povo e que predizia a vinda do Messias, Jesus”. (40)

Então, não faz sentido algum tomar o termo Escrituras como se estivesse referindo a Bíblia dos cristãos, uma vez que Paulo e Pedro ao usá-lo designavam a que tinha em mãos, ou seja, a Bíblia Judaica.

Pede-se um mínimo de coerência nos argumentos, para não passar pelo vexame ao usar um que nada tem a ver com os fatos.

A origem do texto que se supõe Paulo o autor

A passagem foi retirada da segunda carta a Timóteo, cuja autoria alguns exegetas ainda atribuem a Paulo. A nossa pesquisa, entretanto, nos remete a uma outra hipótese. O que julgamos importante dela é que constatamos que não foi só um crítico quem colocou, sob sérias dúvidas, essa suposta autoria de Paulo. É o que passaremos a ver a partir de agora.

O primeiro da lista é Ernest Renan (1823-1892), filósofo e historiador, que, na sua obra **Paulo - o 13º apóstolo**, que trata da vida apostólica, disse:

[...] Imperfeitas e pesadas são as Epístolas apócrifas do Novo Testamento, por exemplo as escritas a Tito e a Timóteo; [...].

[...] Cabe destacar ainda que Márcion, que em geral também se inspirou na crítica dos textos de Paulo e que repudiava com convicção as

Epístolas a Tito e a Timóteo, admitira sem contestar, na sua compilação, as duas Epístolas citadas. [Colossenses e Efésios]. ⁽⁴¹⁾

Sobram as duas Epístolas a Timóteo e a Epístola a Tito. **Grandes obstáculos oferece a autenticidade destas três epístolas. Eu as considero como peças apócrifas.** Para o provar, poderia demonstrar que **a linguagem destes três textos não é a de Paulo**; poderia destacar uma quantidade de períodos e de expressões ou exclusivamente próprias ou particularmente utilizadas pelo autor que, sendo características, deveriam encontrar-se em proporção análoga nas outras epístolas de Paulo, o que não acontece. Além disso, faltam-lhes outras expressões, que são como a assinatura de Paulo. Poderia principalmente mostrar que **estas epístolas contêm um elevado número de detalhes que não se apropriam ao autor suposto, nem aos supostos destinatários.** ⁽⁴²⁾ A habitual característica das cartas elaboradas com uma intenção doutrinária é a de que o falsário vê o público sobre a cabeça do destinatário e escreve a este coisas muito conhecidas, muito familiares, mas que o falsário pretende fazer conhecidas do público. As três epístolas que discutimos têm, num grau elevado, esta característica. ⁽⁴³⁾ Paulo, cujas cartas autênticas são tão especiais, tão precisas, Paulo que, acreditando num fim do mundo próximo, nunca supõe que virá a ser lido através dos séculos, teria sido aqui um pregador geral, despreocupado com o seu correspondente para lhe

fazer sermões que não tinham nenhuma relação com ele e dirigir-lhe um pequeno código de disciplina eclesiástica, considerando o futuro. ⁽⁴⁴⁾ Mas estes argumentos, que por si só seriam decisivos, posso perfeitamente dispensá-los. Para provar a minha tese, utilizarei apenas argumentos que o sejam por assim dizer materiais; procurarei demonstrar que não existe maneira destas epístolas encaixarem-se nem no quadro conhecido nem no quadro provável da vida de Paulo. Inicialmente muito importante é a semelhança perfeita destas três epístolas entre si, semelhança que nos impede a admiti-las como autênticas ou a repeli-las como apócrifas. As particularidades que as distinguem profundamente das outras epístolas de Paulo são as mesmas. As expressões pouco usuais ao estilo de Paulo, encontram-se por igual em todas as três. As imperfeições, que tornam a sua linguagem indigna de Paulo, são idênticas. É esquisito que cada vez que Paulo escreve aos seus discípulos, se esqueça da sua maneira corriqueira, caindo nas mesmas divagações, nas mesmas bobagens. As próprias ideias dão lugar a uma observação análoga.

As três epístolas estão repletas de conselhos vagos, exortações morais de que Timóteo e Tito, familiarizados por um comércio cotidiano com as ideias do apóstolo, não tinham nenhuma necessidade. Uma espécie de gnosticismo são os erros que nelas se combatem. Nas três epístolas a preocupação do autor não muda; reconhece-se a ideia obsidiante e incansável de uma ortodoxia já formada e de uma

hierarquia já desenvolvida. Muitas vezes os três escritos repetem-se entre si ⁽⁴⁵⁾ e copiam as outras epístolas de Paulo. ⁽⁴⁶⁾ Sem dúvida que, se estas três epístolas foram ditadas por Paulo, todas são de um determinado período da sua vida, ⁽⁴⁷⁾ distante em muitos anos do tempo em que redigiu as outras epístolas. Qualquer hipótese que coloque entre estas três epístolas um intervalo de três ou quatro anos, por exemplo, ou que coloque entre elas algumas das outras epístolas, deve ser repudiada inteiramente. Existe apenas uma única hipótese para explicar a semelhança das três epístolas entre si e a sua dessemelhança com as outras, ou seja, que é a de que foram escritas num espaço de tempo muito curto e muito tempo após as outras, numa época em que todas as circunstâncias que rodeavam o apóstolo tinham mudado, tendo ele envelhecido e alterado as suas ideias e o seu estilo. A possibilidade de provar essa hipótese, não significa que se resolva a questão. O estilo de um homem pode mudar; mas de um estilo o mais impressionante e inimitável que nunca existiu, não se passa para um estilo prolixo e sem vigor. ⁽⁴⁸⁾ Além disso, tal hipótese é formalmente destruída pelo que nós conhecemos, com segurança, da vida de Paulo. A seguir, isso será demonstrado. ⁽⁴⁹⁾

Na sequência, Renan faz considerações sobre estas epístolas de Paulo, demonstrando que, pelas características e pelo conteúdo, não podem ser

mesmo dele.

Vejamos também o que Robin Lane Fox, escritor e professor de História Antiga, que no livro ***Bíblia: Verdade e Ficção*** disse:

[...] **as duas epístolas a Timóteo** são postas sob suspeita pelo estilo, e são por fim desautorizadas por seu conteúdo e por sua localização (um bispo único; a falta de conhecimento de Timóteo e sua descrição descabida dos acontecimentos que o cercavam). **Seus autores foram muito ousados em sua falsificação.** “Pedro, apóstolo de Cristo”, “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus”, é como se dizem chamar. Talvez estivessem escrevendo o que achavam que Pedro e Paulo “devessem” ter escrito, mas ainda assim mentiram para seus leitores. Se a Primeira Epístola a Timóteo é obra do século II, bem podia estar levando em conta o terceiro Evangelho quando cita o texto sobre “o salário do trabalhador”. Também atribuída a Paulo um texto enfático contra a ordenação das mulheres: “Pois não permito que a mulher ensine, nem tenha domínio sobre o homem, mas que esteja em silêncio” (I Timóteo 2:12).

É a Segunda Epístola a Timóteo que contém o texto que os fundamentalistas tanto idealizam: **“Toda escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir”** (II Timóteo 3:16). **A tradução é**

discutível, bem como a autoridade do texto. Isto dá uma boa ideia das complexidades envolvidas na veracidade da Bíblia: **o texto que foi indevidamente empregado em apoio de uma visão literal da inspiração divina de toda a Bíblia é, ele próprio, obra de um autor que mentiu sobre sua identidade.** ⁽⁵⁰⁾

E, por último, o estudioso Bart D. Ehrman, que, no tópico “Escritos ‘paulinos’ no Novo Testamento”, constante da sua obra ***Quem escreveu a Bíblia?: por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são***, explica o seguinte:

[...] Há falsificações paulinas dentro do Novo Testamento?

Mais uma vez **há aqui um amplo consenso acadêmico**. Há 13 cartas cuja autoria é atribuída a Paulo, quase metade dos livros do Novo Testamento. **Mas é provável que seis delas não tenham sido escritas por ele. Acadêmicos chamaram essas seis de epístolas “deuteropaulinas”,** significando que têm uma posição “secundária” no corpo dos escritos de Paulo.

Quase todos os estudiosos concordam que sete das epístolas paulinas são autênticas: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filemom. Essas sete são

coerentes e parecem, estilística e teologicamente, e em quase todas as outras características, ser da mesma pessoa. **Todas são atribuídas a Paulo. Há poucos motivos para duvidar de que realmente foram escritas por ele.**

As outras seis diferem significativamente desse núcleo de sete. Três delas 1 e 2 Timóteo e Tito são tão parecidas que a maioria os acadêmicos está convencida de que foram escritas pela mesma pessoa. As outras três em geral são atribuídas a três autores diferentes. O consenso acadêmico é maior em relação ao primeiro grupo de três. [...]. ⁽⁵¹⁾

Segundo Ehrman, as seis epístolas são: 2 Tessalonicenses, Efésios, Colossenses, 1 e 2 Timóteo e Tito ⁽⁵²⁾.

Agora veremos, para ampliar a abrangência de nossa pesquisa, o que dizem alguns tradutores bíblicos, pessoas com inegáveis conhecimentos sobre a Bíblia, de cujas opiniões destacamos:

a) ***Bíblia de Jerusalém***, Introdução às Epístolas de Paulo:

As cartas a Timóteo e a Tito são dirigidas a dois dos mais fiéis discípulos de Paulo (At 16,14; 2Cor 2,13). Elas dão diretivas para a organização e

conduta das comunidades confiadas a eles. É por isso que se tornou costumeiro, desde o século XVIII, chamá-las “pastorais”. **Essas cartas divergem de maneira significativa de outras cartas paulinas.** Há considerável diferença de vocabulário. Muitas das palavras comuns em outras epístolas desapareceram, e há também uma proporção muito maior de palavras não usadas em outro lugar por Paulo. O estilo não é mais apaixonado e entusiasta, mas mitigado e burocrático. O modo de resolver problemas mudou. Paulo simplesmente condena falso ensinamento em lugar de argumentar persuasivamente contra ele. Finalmente, **é difícil situar essas cartas na vida de Paulo,** assim como é conhecida dos Atos dos apóstolos. **É compreensível, portanto, que a autenticidade das pastorais seja disputada.**

Muitos explicam as diferenças postulando um Paulo mais velho, que deve ter dado muito mais espaço a um secretário (possivelmente Lucas, 2Tm 4,11) e levando em conta que nada conhecemos da vida de Paulo subsequente à sua libertação da prisão em Roma. Igual número de estudiosos rejeitam tais argumentos como subjetivos demais, e sustenta que as pastorais foram compostas por um discípulo de Paulo no fim do século I para tratar de problemas de uma igreja muito diferente. Embora não impossível em si mesma, esta hipótese não é sustentada por qualquer evidência de que cartas pseudo-epigráficas fossem comuns e aceitáveis. 2Ts 2,2 e Ap 22,18 mostram que os primeiros cristãos viam a necessidade de distinguir entre escritos autênticos e forjados. Uma posição

intermediária entre esses dois extremos defende-a por uma minoria que acredita que um leal seguidor de Paulo herdou três cartas que Timóteo e Tito conservaram até sua morte. Ele então expandi essas cartas, acrescentando o que pensava que seria dito por Paulo diante das circunstâncias mudadas da igreja. As pastorais então não são do Apóstolo, mas contêm fragmentos paulinos autênticos (p.e., 2Tm 1,15-18; 4,9-15; Tt 3,12-14). A falta de concordância sobre a extensão e número dos fragmentos é uma séria fraqueza dessa hipótese, que também falha em prover qualquer evidência contemporânea desta prática editorial postulada.

A natureza insatisfatória de todas as hipóteses correntes sugere que poderia ter sido um engano tratar as pastorais como um bloco unificado. Nessa aproximação, observações e afirmações são confusas. O que é visto como verdadeiro para uma carta é afirmado como válido para as outras duas. O exame minucioso, porém, revela que 1Tm e Tt são mais próximas uma da outra do que ambas a 2Tm. Se a última é considerada separadamente, não há objeções convincentes de elas terem sido escritas por Paulo. Dirigidas a indivíduo, sua divergência em relação a epístolas dirigidas a igrejas tem seu paralelo nas diferenças entre as cartas de Inácio à igreja de Esmirna e ao seu bispo, Policarpo. Uma vez que se reconheça que 2Tm 4,6 não é referência à morte próxima, 2Tm se coloca naturalmente dentro do último período da prisão de Paulo em Roma (At 28,16s), quando olhava para a liberdade.

Se 2Tm é aceita como autêntica, o isolamento de 1Tm e Tt no *corpus* paulino torna-se cada vez mais marcante. Em particular elas desenvolvem uma visão do ministério que contrasta vividamente com o ethos missionário dinâmico de Paulo (1Ts 1,6-8; Fl 2,13-16. Predomina um conceito burguês pela respeitabilidade e aceitação, 1Tm 2,1-2; 6,2; Tt 3,1-2), e as qualidades dos ministros são as requeridas de todos os burocratas (1Tm 3,1-13; Tt 1,5-9). Deste modo houve uma evolução definida nas igrejas paulinas. Uma igreja entusiástica radiante com o Espírito tornou-se um cômodo lar. Todavia, embora a liderança carismática tenha dado caminho à direção institucional, não há evidência do tipo do episcopado monárquico atestado por Inácio de Antioquia. A autoridade na igreja é colegial, e os “bispos” (1Tm 3,22-5), têm as mesmas funções que os “anciãos” (1Tm 5,17). Cada “ancião” precisa ter as qualidades de “bispo” (Tt 1,6-9). Assim, 1Tm e Tt não deveriam ser datadas muito tardiamente no primeiro século. ⁽⁵³⁾

b) ***Bíblia Sagrada Vozes***, *As Epístolas Pastorais*:

“Epístolas pastorais” é o nome dado aos escritos dirigidos a Timóteo e a Tito, companheiros de missão de Paulo. A expressão caracteriza bem a natureza destas cartas, **desde o II século atribuídas a Paulo**. Elas contêm instruções e exortações sobre o reto desempenho do ministério pastoral nas comunidades, sobre a organização da Igreja e a luta contra as heresias. As três epístolas foram escritas na mesma época e pelo mesmo

autor.

[...].

É difícil enquadrar estes dados na vida de Paulo como nos é conhecida dos Atos e de suas epístolas autênticas. Agora Paulo está algemado (2,9), enquanto na primeira prisão em Roma vivia em prisão domiciliar (At 28,16). Clemente Romano e o Cânon de Muratori admitem que Paulo, depois da primeira prisão romana, pregou na Espanha por certo tempo, foi novamente preso e por fim martirizado em Roma. Ora, as epístolas pastorais supõem viagens de Paulo no Oriente após a prisão romana (61-63). Este quadro histórico depõe contra a autenticidade das Pastorais. **Além do mais, a teologia, a linguagem e o estilo, a organização da Igreja e a luta contra as heresias dificilmente se coadunam com o que sabemos de Paulo a seu tempo.** A hipótese de um secretário ter redigido as epístolas enquanto Paulo estava preso a segunda vez em Roma, ou de que nestas epístolas temos fragmentos autênticos, são insuficientes para afastar as sérias objeções da crítica contra a autenticidade das Pastorais.

O mais provável é que o seu autor não seja um discípulo imediato de Paulo, mas um admirador da segunda ou da terceira geração cristã. Segundo o costume da literatura helenística e judaica da época, produziu estas cartas pseudônimas, atribuindo-as a Paulo a quem considerava o maior dos apóstolos. O motivo que o levou a escrever foi o desejo de ser fiel ao

evangelho pregado pelo grande apóstolo, diante da ameaça das heresias e da necessidade de organizar bem as comunidades a fim de esconjurar os perigos para a fé apostólica. Neste sentido a 1Tm e Tt podem ser vistas como a primeira constituição eclesial, e a 2Tm como o discurso de despedida, ou o testamento espiritual de Paulo às vésperas de seu martírio. A data de composição pode ser colocada pelo ano 100. ⁽⁵⁴⁾

c) **Bíblia do Peregrino**, Introdução – Primeira e segunda carta a Timóteo e carta a Tito

Introdução

[...].

Supôs-se que as cartas fossem de Paulo, e acreditou-se nisso durante séculos. Porém surgiu a crítica dos estudiosos e, com ela, a dúvida, como indicam as passagens em que Paulo fala de si na primeira pessoa (p. ex. 1Tm 1,11.12-16; 2Tm 4,6-8.16-18 etc.)

Autenticidade

As razões contra a autenticidade são fortes; referem-se à linguagem, à mentalidade, à situação proposta, e afetam as três cartas como corpo.

a) O vocabulário. Segundo um cálculo cuidadoso, de 848 palavras que as três cartas usam, 306 não aparecem no resto do chamado corpo paulino, 175 não constam no resto do NT; faltam palavras típicas do vocabulário paulino,

outras frequentes escasseiam, algumas mudam de significado; *dikaïos* significa honrado, *pístis* é um corpo de doutrina. Estilo: apararam-se a vivacidade, a paixão e o movimento; não argumenta para provar seu ensinamento; predomina uma tonalidade pacata e suave. A língua grega é mais depurada, mais próxima do grego helenístico.

b) Mentalidade. A preocupação central das três cartas é garantir as igrejas como instituição, conservar o ensinamento tradicional e defender-se das ameaças de desvio doutrinal. Para isso é preciso nomear chefes competentes e confiáveis, manter a ordem e a concórdia, regular o culto. O autor repete o adjetivo “são/sã” para referir-se à ortodoxia, fala da “verdade”, repete que “alguns se afastaram de...” Ao ímpeto de evangelizar sucede aqui o esforço por manter.

c) O quadro em que as cartas se inserem não combina com o que sabemos por outras informações de Paulo. Se o apóstolo vai morrer em breve (2Tm 4,5-8), como pode chamar Timóteo de jovem (1Tm 4,11)? O ancião deverá ter saído da sua prisão romana para retomar sua atividade no Mediterrâneo oriental.

Essas razões somadas são mais fortes, mas não determinantes. Os defensores da autenticidade as rebatem, principalmente com evasivas; que com os anos o vigor e a combatividade de Paulo amainaram; que um tema diferente exigia uma linguagem nova; que se valia de um secretário redator; que seu pensamento

tinha evoluído. E que em nossa informação sobre a atividade de Paulo há importantes lacunas, e aí as cartas poderiam encaixar-se. As réplicas são fracas: um ancião muda radicalmente de vocabulário? Esquece seus temas preferidos?

Teorias sobre o autor

Aceitando como mais provável a não autenticidade das três cartas, pensa-se que é um discípulo imediato ou mediato, da geração seguinte. Recorre à pseudonímia, procedimento corrente naquela época. Dá às suas instruções a forma de carta, escolhendo como destinatários dois insígnies personagens do círculo paulino. Aceitamos que pôde utilizar material original do apóstolo. Provavelmente sentia-se herdeiro legítimo de Paulo; talvez os rivais citassem Paulo, deformando seu ensinamento.

Não faltou a teoria de um compilador que teria composto e dado forma às três cartas com fragmentos autênticos do apóstolo.

Nada do que foi dito diminui o valor canônico das Pastorais. São parte integrante do NT, reconhecida sempre por todas as confissões religiosas. [...].

A data de composição seria o final do séc. I ou começo do séc. II. ⁽⁵⁵⁾ (itálico do original)

Assim, por mais três fontes diferentes, chegamos à mesma conclusão de que a Epístola, em que se encontra o passo citado, visando tornar

evidente a inspiração bíblica como sendo divina, não é de Paulo.

À guisa de informação, detalhamos: *Bíblia do Peregrino* versão do Pe. Luís Alonso Schökel (1920-1998), contou com uma equipe de quatorze colaboradores; *Bíblia Sagrada Ed. Vozes*, coordenação geral Frei Ludovico Garmus, junto com mais onze pessoas, entre tradutores e revisores, e a *Bíblia de Jerusalém*, em cujo corpo, composto de católicos e protestantes, havia três coordenadores e um número de dezoito tradutores/revisores.

Como se observa é uma quantidade respeitável de pessoas envolvidas, cuja competência não se poderá ser colocada em dúvida.

Em nosso estudo, deparamos com essa frase escrita de duas maneiras diferentes, as quais transcrevemos apenas o início, porquanto, é ele o que nos interessa neste momento:

“Toda Escritura é inspirada por Deus é útil para instruir, [...]”

“Toda Escritura divinamente inspirada, é

útil para ensinar, [...].”

A primeira frase é encontrada nas Bíblias pelas versões Mundo Cristão, Traduções Novo Mundo, Santuário, Vozes, Ave-Maria e Paulus: de Jerusalém, do Peregrino e Pastoral e a segunda pelas versões Barsa, Loyola, Paulinas, SBB.

A equipe de tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, que sabemos ter sido composta de exegetas católicos e protestantes, informa-nos ⁽⁵⁶⁾ que, na *Vulgata*, ela se encontra dessa forma:

“Toda Escritura, inspirada por Deus, é útil.”

É interessante observar a mudança na redação dessa frase, porquanto dizer que *“Toda Escritura é inspirada por Deus”* é uma coisa bem diferente daquilo que se quer afirmar dizendo *“Toda Escritura divinamente inspirada”*. A ideia que se passa nessa última frase é que existem outras Escrituras, porém não inspiradas.

Ora, isto vai ao encontro da afirmação de Paulo (e da conclusão apresentada pelos vários biblicistas

citados), viabilizando-a como a de maior chance de ser a mais próxima do texto original. Isso compromete os próprios tradutores bíblicos, levando-nos a crer na possibilidade de que mais lhes preocupavam eram suas ideias do que a dos autores aos quais traduziam.

A afirmação da frase de que *“Toda Escritura é inspirada por Deus”*, aproxima-se daquilo que Rodrigo Faria, citado no início, denominou de *“raciocínio do '8 ou 80'”*, no caso, por conta do significado da palavra “toda” nesta frase.

Orígenes de Alexandria é uma fonte que não podemos deixar de mencionar, especialmente, agora que a encontramos sua obra ***Tratado sobre os Princípios***, em português publicado pela Paulus Editora. No cap. “Sobre os princípios de Orígenes”, autoria de Bento Silva Santos, destacamos o primeiro parágrafo:

Entre os escritores eclesiásticos da Igreja antiga, a figura de Orígenes (c. 185-253) destaca-se singularmente seja pela personalidade ímpar, seja pela sua vastíssima produção literária, seja, enfim, pela profundidade teológica, espiritual

e exegética de seus escritos, quando os comparamos com os seus contemporâneos e avaliamos a sua recepção ao longo da história da teologia. ⁽⁵⁷⁾

Orígenes, um dos “*Pais da Igreja*”, é considerado como o maior teólogo antes do Concílio de Niceia (325), definido como “*gênio do cristianismo*” ⁽⁵⁸⁾, razão pela qual torna-se importante citá-lo.

No 4º Livro de sua obra, cujo título é “A propósito do caráter inspirado da Escritura divina e como ela deve ser lida e compreendida”, Orígenes desenvolve seus argumentos para provar que a Bíblia é inspirada tomando de inúmeros textos que, segundo entende, corrobora isso.

O fato curioso é que Orígenes não cita 2 Timóteo 3,16-17, parecendo que, para ele, essa carta ainda não existia, ou que a considerava apócrifa, das duas uma.

A nossa supressa foi encontrar em uma carta autêntica de Paulo algo que vai contradizer 2 Timóteo, senão vejamos:

Gálatas 3,23-29: “Antes que chegasse a fé, nós éramos guardados sob **a tutela da Lei** para a fé que haveria de se revelar. **Assim a Lei se tornou nosso pedagogo até Cristo**, para que fôssemos justificados pela fé. Chegada, porém, a fé, **não estamos mais sob pedagogo**; vós todos sois filhos de Deus **pela fé em Cristo Jesus**, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus. E se vós sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa.

Esta explicação que encontramos na **Bíblia de Jerusalém**, vai ajudar no entendimento dessa passagem:

A partir do momento em que o pedagogo conduziu os filhos “até” o mestre, seu papel chegou ao fim. Tal era o papel preparatório, essencialmente temporário, da Lei, que agora já chegou à sua complementação pela fé em Cristo e pela graça (Rm 6,14-15+. cf. Mt 5,17+, ⁽⁵⁹⁾)

A Lei, ou a Torá, para os hebreus, fazia parte das Escrituras. Ora, se aqui ela é preterida pela fé

em Cristo, significa dizer que este tem melhor e mais profundo ensinamento que a Lei, a nosso ver, é sua revogação total. Como assim? Então algo que é inspirado e, portanto, a palavra de Deus, segundo acreditam, não vale mais? É o que está explicitamente dito.

Apela-se também para Pedro

Vejamos a seguinte passagem da segunda carta de Pedro:

2 Pedro 1,20-21: *“Antes de mais nada, sabei isto: que nenhuma profecia da Escritura resulta de interpretação particular, pois que a **profecia jamais veio por vontade humana**, mas os homens impelidos pelo Espírito Santo falaram da parte de Deus.”*

Os tradutores da **Bíblia de Jerusalém**, explicam-na:

A maneira como aqui se invoca a inspiração das Escrituras pelo Espírito (2Tm 3,15-16+) sugere que sua leitura também supõe a direção do Espírito e a tradição apostólica. O autor, porém, não têm a intenção de desencorajar a leitura privada pessoal, devota, da Bíblia. ⁽⁶⁰⁾

Embora o ponto principal da passagem é a interpretação das profecias, às vezes encontramos

argumentos colocando-a para justificar a inspiração da Bíblia como um todo. O que não fazem para distorcer as interpretações às suas conveniências.

A triste notícia é que há seríssimos problemas relacionados com as supostas profecias citadas nos textos bíblicos, pois grande parte delas não são nem mesmo profecias mas fatos acontecidos na época em que foram proferidas. Como é um longo tema, recomendamos o nosso ebook **Será que os profetas previram a vinda de Jesus?** ⁽⁶¹⁾, onde as analisamos.



Não podemos deixar de mencionar que há um passo que pode muito bem ser usado para defender a ideia de que, pelo menos, as cartas de Paulo faziam parte das Escrituras; vejamo-lo primeiro pela versão da **Bíblia de Jerusalém**:

2 Pedro 3,16: *“Isto mesmo faz ele em todas as cartas, ao falar nelas desse tema. É verdade que em suas cartas se encontram alguns pontos difíceis de entender, que os ignorantes e vacilantes torcem, como fazem com **as demais Escrituras** (d), para a própria*

perdição.”

Em nota explicam-nos, os tradutores:

(d) Lit.; “*o resto das Escrituras*”, com o que se compra a compilação feita e conhecida dessas cartas. **Temos aqui um dos primeiros indícios de equivalência entre os escritos cristãos e os livros do AT** (cf. 1Mc 12,9+, 1Rs 5,27+). ⁽⁶²⁾ (itálico do original)

Ao verem algo que parece justificar pontos defendidos pelas Igrejas, os nobres tradutores não levaram em conta fatos importantes que podem derrubar, e de fato derrubam, aquilo que querem defender como verdade, conforme iremos ver.

Estranhamos o fato de alguma obra ser considerada “Escritura”, pois todas as vezes que o termo Escrituras foi usado se refere ao Antigo Testamento.

Isso nos remete à conclusão que tal fato pode ter sido construído depois, possivelmente algum copista tentando referendar as cartas de Paulo como também inspiradas.

Por outro lado, os que ainda quiserem continuar aceitando o passo de Paulo a Timóteo (2 Timóteo 3,16-17), como provindo de inspiração divina, devem, pelo menos, ser coerentes, e considerar como Escritura inspirada apenas o Antigo Testamento.

Em qualquer estudo de textos bíblicos é prudente vermos como constam em outras Bíblias os textos que queremos analisar, pois, geralmente, encontraremos coisas bem interessantes.

Temos em mãos três *Bíblias Edições Paulinas* (1957, 1977 e 1980), tradução de Pe. Matos Soares, das quais transcreveremos o teor:

2 Pedro 3,16: *“Como também (faz) em todas as suas cartas, em que fala disto, nas quais há algumas coisas difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes adulteram **(como também as outras Escrituras)** para usa própria perdição.”* ⁽⁶³⁾

O texto das três seria idêntico, não fosse o da edição mais antiga (1957), ter a mais a expressão “(na fé)”, entremeio as palavras “inconstantes” e

“adulteraram”:

¹⁴Portanto, caríssimos, esperando estas coisas, procurai com diligência ser encontrados por ele imaculados e irrepreensíveis na paz (*com Deus*).
¹⁵E crede que a longanimidade do nosso Senhor é para vossa salvação, conforme também nosso irmão caríssimo Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ¹⁶como também (*faz*) em tôdas as suas cartas, em que fala disto, nas quais há algumas coisas difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes (na fé) adulteram (como também as outras Escrituras) para sua própria perdição.

Mas isso é insignificante e nem vem mesmo ao caso. O que queremos destacar é um dos trechos que está em parênteses, mais especificamente o seguimento **“como também as outras Escrituras”**. Um texto bíblico colocado entre parênteses, geralmente, ocorre porque se trata de glosa (⁶⁴), que, conforme **Dicionário Prático** da Bíblia Sagrada Vozes, é entendida como:

GLOSA. Diz-se de um texto, em geral de poucas palavras, que não pertence à obra original do autor mas foi acrescentado por

outros (glosadores). A finalidade de uma glosa é explicar o texto existente. Inicialmente as glosas eram escritas à margem do texto. Mais tarde os copistas as introduziram no próprio texto. As modernas edições críticas dos textos originais, que são a base para as traduções vernáculas modernas, procuram eliminar tais glosas. ⁽⁶⁵⁾

Comparando-se o texto da *Bíblia Edições Paulinas* com o da *Bíblia de Jerusalém*, vemos que a glosa, nessa última, já não é mais colocada entre parênteses, passando a fazer parte do texto. Ora, isso é tentar levar o leitor a acreditar como inspirado um texto que é obra de um copista piedoso.

Em razão disso, não teria nenhum sentido pegar esse passo de Pedro, pois dele baseiam-se numa glosa, ou seja, um acréscimo, para justificar que as cartas de Paulo já tinha “características” de Escrituras. Um exemplo disso é o que consta nesta nota constata da ***Bíblia Sagrada - Paulinas*** (1977):

16. *As outras Escrituras*: significa que no tempo do autor desta carta pelo menos **um grupo de cartas paulinas** Já era considerado de valor igual ao dos outros livros da Escritura. Este é "um versículo muito importante, pois contém em

germe a doutrina da inspiração e da canonicidade do Novo Testamento e, em segundo lugar, **a regra hermenêutica que condena o livre exame na interpretação dos textos sagrados**. Pedro mostra que conhece certo número de cartas paulinas e em parte as supõe conhecidas dos leitores. Isto nos deixa perceber que nas igrejas eram recolhidos como sagrados os escritos dos Apóstolos. É o começo da história da Cânone neotestamentário' (G. Saldarini). ⁽⁶⁶⁾ (itálico do original)

Muito interessante a opinião do tradutor Pe. Matos Soares (?-?) sobre a questão do versículo conter o germe da doutrina da inspiração, que, inclusive, é citado no Prólogo. Certamente, é que, se baseando nisso, compôs os tópicos Inspiração e Inerrância, constantes da Introdução da Bíblia que traduziu. Fazemos questão transcrever da **Bíblia Sagrada - Paulinas** (1957) para que você, caro leitor, veja como os argumentos são delineados, visando sustentar esse dogma:

Inspiração

Depois de haver declarado, no Concílio Vaticano, que os livros do Antigo e do Novo Testamento, inteiro e com todas as suas partes, conforme estão elencados no Concílio de Trento e

se acham publicados na velha vulgata latina, **devem ser considerados como sagrados, canônicos e divinamente inspirados**, a Igreja explica o que significa *inspirado*. Ela reputa tais livros sagrados e canônicos “não apenas porque, escritos pela aptidão da mente humana, tenham sido depois aprovados pela sua autoridade, e nem apenas **porque contenham a revelação sem nenhum erro**, mas porque, **tendo sido escritos sob a inspiração do Espírito, têm Deus por autor e como tais foram confiados à Igreja**”.

Leão XIII na encíclica “*Providentissimus Deus*”, falando sobre a Inspiração diz: **“Foi Deus quem, por sua virtude, excitou os escritores sagrados a escrever**. Ele mesmo lhes assistia enquanto escreviam, de modo que **concebiam exatamente, queriam relatar fielmente, e exprimiam com admirável fidelidade tudo o que Ele lhes ordenava e somente aquilo que lhes ordenava que escrevessem**. Do contrário, **Ele não mais seria o autor de toda a Sagrada Escritura**”. Nestas palavras do grande Pontífice podemos constatar a admirável ação de Deus sobre o agiógrafo; ação que requer três coisas: 1) *ilustração ou iluminação da mente*, isto é, um influxo sobre o intelecto para que o escritor sagrado “forme um conceito exato” da verdade, em suma: conheça a verdade sem erro (com a revelação, quando se trata de verdades desconhecidas; ou com os meios humanos, quando se trata de verdades conhecidas; 2) *impulso da vontade*, isto é, um influxo sobre a vontade para que o agiógrafo “se proponha de escrever fielmente” aquilo que o

Senhor deseja; 3) *assistência na escritura*, isto é, Deus deve assistir o agiógrafo enquanto escreve para que “dê com infalível veracidade a expressão adequada” a todas as verdades, e somente àquelas desejadas por Deus.

Em tal modo, o autor principal da Sagrada Escritura é Deus, o qual se serve do agiógrafo como de um verdadeiro e próprio instrumento, embora livre e inteligente, e cujas faculdades foram elevadas sobrenaturalmente. Por isso pertencem a Deus: os argumentos, as coisas, e as ideias; enquanto pertencem ao homem a ordem das ideias, o gênero literário, o estilo e a língua.

Inerrância

Consequência natural da inspiração da Bíblia é a sua *inerrância*. Com a inspiração, Deus torna-se garantia de tudo aquilo que o escritor inspirado escreve e, considerando-se que Ele não pode enganar-Se nem enganar, **o livro inspirado é imune de qualquer erro**. A inspiração – como bem afirmou Leão XIII – não somente exclui qualquer erro, mas o exclui e o repele tanto necessariamente quanto é necessário que Deus, Suma Verdade, não ensine aquilo que é falso. Portanto, quando encontramos um trecho da Bíblia; que nos parece contrário a uma verdade incontestável, não pensemos logo que possa ali haver erro, mas saibamos refletir com Santo Agostinho: “*Neste ponto deve haver erro do copista, ou uma tradução mal feita do original, ou então sou eu mesmo que não consigo compreender...*” O erro, se na verdade existe, não

se pode atribuir ao agiógrafo mas àquele que não transmitiu fielmente as suas palavras ou a quem não compreendeu exatamente o seu pensamento.

Tudo o que se narra na Bíblia é necessariamente verdadeiro, porque é palavra de Deus; mas nem tudo *contém a mesma verdade*. Deus pode inspirar o agiógrafo a escrever tanto uma história propriamente dita como uma poesia, uma parábola ou uma fábula. Ora, cada gênero literário tem a sua verdade; é necessário, pois, determinar o gênero literário de cada livro da Sagrada Escritura, considerando a índole do livro e, sobretudo, a interpretação e o senso da Igreja.

A Bíblia, além da verdade relativa ao gênero literário, contém verdades relativas ao modo comum de falar, à linguagem popular, às ideias dos países e dos tempos, que cientificamente podem ser falsos. Com efeito, não sendo a Bíblia um tratado de ciência, não se encontra nela a linguagem técnica ou científica, mas aquela comum, regular dos tempos. ⁽⁶⁷⁾ (itálico do original)

Se, como disse Pe. Matos Soares, a regra de hermenêutica **condena o livre exame**, há também que se considerar, no mínimo, o contexto histórico bem como a origem e autoria do texto para, primeiramente, termos certeza se é autêntico ou não.

Essa “*condenação hermenêutica*” ao livre exame, certamente, abre espaço para que os líderes religiosos coloquem na cabeça dos fiéis aquilo que querem. Em ***Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada***, Pepe Rodríguez nos dá uma informação bem interessante de como faziam isso:

Convém recordar que **a interpretação da Bíblia sempre foi um poder exclusivo da hierarquia católica** que, para o efeito, promulgou penas de excomunhão e de prisão perpétua contra quem a vertesse numa língua vulgar. [...]. ⁽⁶⁸⁾

Sobre a questão da total autenticidade e da inerrância, o que temos encontrado é afirmações de que exegetas modernos não aceitam a Segunda carta de Pedro como autêntica. A título de exemplo, transcrevemos:

a) ***Bíblia de Jerusalém***

[...] Mas há outras complicações que **põem em dúvida a autenticidade** e sugerem data mais tardia. A linguagem apresenta notáveis diferenças em relação a 1Pe. Todo o cap. 2 é retomada, livre

mas patente, da epístola de Judas. A coleção das epístolas de Paulo parece já formada (3,15s). O grupo apostólico é posto em paralelo com o grupo profético e o autor fala como se não fizesse parte deles (3,2). Estas dificuldades autorizam certas dúvidas que surgiram desde a antiguidade. **Não apenas o uso da epístola não é atestado com certeza antes do séc. III, mas também alguns a rejeitaram, como o testemunham Orígenes, Eusébio e Jerônimo. Além disso, muitos críticos modernos recusam-se, por sua vez, a atribuí-la a São Pedro, e é difícil não lhes dar razão. [...].** ⁽⁶⁹⁾.

b) ***Bíblia Sagrada Vozes***

O autor se identifica como “Simão Pedro” (1,1) e “testemunha” de Cristo (1,16-18). Mas, ao contrário da 1Pd que foi logo aceita como autêntica e canônica, **sobre a 2Pd já na Igreja antiga pairaram dúvidas devido à grande diferença de linguagem entre as duas epístolas. A tardia aceitação da epístola pelas igrejas orientais e ocidentais (Séc. V/VI) e a sua dependência da epístola de Judas, composta após a morte de S. Pedro, levou a maioria dos exegetas a negar a autenticidade da 2Pd.** ⁽⁷⁰⁾

c) ***As Várias Faces de Jesus***, Geza Vermes

A Segunda Epístola de Pedro, longe de ser uma obra do apóstolo mais antigo de Jesus, é

provavelmente a composição mais recente do Novo Testamento, datada de 125 d.C., senão depois. A análise literária mostra que foi composta depois da Epístola de Judas (escrita por volta de 100 d.C.), pela qual foi visivelmente influenciada. Além disso, o documento evidencia um desencanto conspícuo nas fileiras dos fiéis, causado pela prolongada demora do retorno de Jesus. O próprio autor não esperava testemunhar a Parusia (2Pd 1:14-15). As alusões a uma massa de falsos ensinamentos indica um crescimento do gnosticismo, o que aponta para o século II. [...]. ⁽⁷¹⁾

d) ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. Vol. 6***, R. N. Champlin

Não foi senão no século IV D.C. que esta epístola começou a ser aceita como de autoria petrina. E foi somente no século V D.C. que ela recebeu reconhecimento geral na igreja. Mas mesmo então, alguns pais importantes a ignoraram. **Isso dificilmente poderia ter ocorrido se Pedro realmente a tivesse escrito. Assim, a maioria dos eruditos concorda**, tanto liberais como conservadores (embora não necessariamente pastores e líderes não-eruditos da igreja) **que esta segunda epístola de Pedro deve ser classificada como uma *pseudepígrafe*.** Naturalmente, nos primeiros séculos, muitas obras assim foram produzidas. Conhece-se, em forma fragmentar ou mediante citações, cerca de cem obras primitivas que supostamente foram escritas por apóstolos ou outros nomes cristãos famosos.

[...]. ⁽⁷²⁾ (itálico do original)

O que acreditamos sobre a data depende muito do que cremos sobre a autoria. Se Pedro escreveu esta epístola, deve tê-la escrito em 67-68 D.C., pouco antes de seu martírio, sob as ordens de Nero. Mas, se negarmos a autoria petrina, podemos situá-la no fim do primeiro século (dando tempo à formação de uma coletânea de escritos paulinos, considerados canonicamente autoritativos; ver II Ped. 3:16. **A maioria dos eruditos modernos, porém, a situa nos meados do século II D.C.** Esse argumento se baseia sobre a observação que, de modo geral, reflete o meio ambiente do segundo século. [...]. ⁽⁷³⁾

O que não entendemos é o fato de mesmo sabendo que o autor da carta não é Pedro, por que motivo alguns a consideram inspirada? A culpa disso, certamente, é o dogmatismo, que, infelizmente, não deixa as pessoas enxergarem as coisas de um outro ângulo, pelo qual poder-se-ia descobrir o que é realmente verdadeiro ou não.

Vejamos algumas considerações de Pepe Rodrígues e Geza Vermes, com as quais as teses do Pe. Matos Soares – inspiração e inerrância – não se sustentam:

a) ***Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada***

[...] Os especialistas em exegese bíblica e em línguas antigas puseram a claro, sem margem para dúvida, **as manipulações e os acrescentos posteriores que trufam o Velho Testamento**, o contexto histórico e a **autoria recente (século VII a.C.) do Pentateuco** – falsamente atribuído a Moisés (século XIII a.C.) – a **inconsistência das “profecias”**, a verdadeira autoria dos Evangelhos e a **presença neles de múltiplas interpolações doutriniais**, a qualidade pseudo-epigráfica de textos atribuídos a Paulo e a outros autores do Novo Testamento, etc. [...]. ⁽⁷⁴⁾

[...] As **análises científicas revelaram que uma grande parte dos livros** legislativos, históricos, proféticos ou poéticos **da Bíblia é o resultado de um longo processo de elaboração no decorrer do qual foram sendo *actualizados* documentos antigos, acrescentando-lhes dados novos e interpretações diversas** em função do perfil e dos interesses dos novos autores-compiladores. ⁽⁷⁵⁾ (itálico do original)

A forma actual dos livros históricos e legislativos da Bíblia tem uma longínqua parecença (quando a tem) com os documentos originais em que se basearem ou (e neste caso o termo aplica-se perfeitamente) se *inspiraram*, já que **são o resultado da amálgama de diferentes coleções de documentos e tradições orais que foram passadas a escrito** – e, não raro,

reescritas, reinterpretadas e ampliadas – em épocas distintas e por pessoas (e/ou escolas) diferentes. ⁽⁷⁶⁾ (itálico do original)

Dos escritos deuteronomícos fizeram-se duas edições. A primeira, ainda do tempo de Josias, é um relato otimista sobre a história dos Israelitas, repleto de esperança relativamente ao futuro. Entretanto, os governos desastrosos dos sucessores de Josias e a destruição de Jerusalém, em 587 a.C., tornam o texto absurdo e inutilizável; razão por que uma segunda edição – distando da primeira uns vinte anos e escrita durante o exílio no Egipto – introduz algumas modificações ao primeiro texto e que basicamente consistem na inserção, no fim do segundo livro de Reis, de dois capítulos, **que actualizam o relato *inspirado por lavé*, na introdução de alguns parágrafos que permitem configurar *profecias*, numa altura em que já se tinham produzido os factos**, e, finalmente, na **interpolação de textos com o objectivo de readaptar o fio condutor da história e o destino de Israel** à nova realidade a que este tinha de fazer face. ⁽⁷⁷⁾ (itálico do original)

[...] Os principais profetas escritores, por ordem cronológica, foram: Amós, Oseias, Isaías, Miqueias e Naum. Todos eles viveram no período compreendido aproximadamente entre os reinados de Osias ou Azarias e de Ezequias, no século VIII a.C. Jeremias, Baruc, Habacuc, Sofonias, Ezequiel e Daniel, pelo seu lado, viveram aproximadamente no período compreendido entre o reinado de Josias e o fim do exílio na Babilónia, nos séculos VII e VI

a.C. Finalmente, Ageu, Zacarias e Malaquias viveram no período que medeia entre o fim do exílio e o século IV a.C.

Apesar de terem ficado conhecidos como “escritores”, quase nenhum deles escreveu uma única palavra dos textos que lhes são atribuídos na Bíblia. Como compilação que é, o que esta guarda **são supostas pregações e oráculos elaborados muito tempo depois da morte do profeta.** Casos há em que **essa elaboração ocorreu dois séculos após a morte do seu suposto autor.** Como os textos acrescentados pelos compiladores posteriores são frequentes e tanto ou mais importantes do que as mensagens atribuídas aos respectivos profetas, torna-se difícil determinar qual o seu conteúdo exacto. Também neste caso, o processo de compilação levou a anacronismos; assim, por exemplo, no Livro de Isaías, tradicionalmente atribuído ao profeta do mesmo nome, se é possível datar os primeiros quarenta capítulos do tempo de Isaías, os capítulos 40 a 66 pertencem claramente a um ou dois redactores que viveram uns dois séculos mais tarde.

De qualquer modo, para os objetivos deste livro, será suficiente analisar o conteúdo dos principais livros proféticos e observar, como não podia deixar de ser, como as suas mensagens foram directamente influenciadas pela realidade sociopolítica em que cada profeta viveu. **Atribuir esses textos a lavé não passou, mesmo nos casos mais bem intencionados, de um recurso retórico, então necessário para obter**

autoridade; algo parecido com o que ocorreu com outros escritores bíblicos que assinaram os seus textos e opiniões pessoais com o nome de Moisés ou de diferentes profetas do passado, já que deles derivava a autoridade que emana da tradição. ⁽⁷⁸⁾

[...] Os textos acrescentados depois do exílio aos livros proféticos de Daniel, Isaías, Ezequiel e Zacarias também põem em relevo a esperança messiânica no contexto de um tempo de paz e de prosperidade para Israel. **Daniel, por exemplo, profetizou o advento dos tempos escatológicos para 164-163 a.C. (Dan 9). Enganou-se, como é óbvio. O cristianismo, por seu lado, reinterpretoou o essencial da escatologia do Velho Testamento e utilizou-a para desenvolver a cristologia que elaborou em torno do tema da “morte e da ressurreição” de Jesus de Nazaré.** ⁽⁷⁹⁾

Nos textos *deuteronomistas* é curioso observar até que ponto o seu autor e escriba foram incapazes de deixar de lado o seu mister oracular e como neles o cumprimento dos avisos de lavé é apresentado como prova da verdadeira profecia. O mecanismo é, de facto, impecável: o anúncio aparece escrito na habitual linguagem oracular e, no parágrafo seguinte, é-nos dito que esse anúncio se realizou tempos depois, deduzindo-se daí que a profecia fora autêntica e procedera de Deus. **A única coisa que desvirtua ligeiramente esta prova de divindade é o facto de se ter demonstrado, relativamente às *profecias* que puderam ser adequadamente estudadas, que a**

sua redacção e a sua inclusão nos textos bíblicos correspondentes ter sido sempre posterior ao momento em que ocorreram, na realidade, os factos “anunciados por lavé” (recorde-se, por exemplo, entre as profecias já mencionadas, I Re 11,31-39, ou Dt 4,25-30). ⁽⁸⁰⁾ (itálico do original)

Seja como for, **falsear profecias foi uma prática que se estendeu a todos os livros proféticos da Bíblia**. Assim, por exemplo, dado que os oráculos dos profetas da época de que estamos falando eram duríssimos e não perdiam tempo com vãs promessas de esperança relativamente ao futuro, os analistas modernos da Bíblia encaram como acrescentos posteriores ao exílio todos os versículos do Livro de Amós em que se fala de esperança; e o mesmo se aplica às alusões à esperança messiânica do Livro de Isaías. E compreende-se que assim seja, dado que a maioria das promessas relativas ao restabelecimento do reino de Israel careciam absolutamente de sentido, excepto para um redactor que tivesse vivido durante e, especialmente, depois do exílio. ⁽⁸¹⁾

E esta, de facto, apresentou-se. Em 520 a.C., o rei persa Dario I, na perspetiva de possuir na Palestina uma colónia agradecida que lhe servisse de base para a conquista do Egipto, ordenou o regresso a Judá de toda a elite judia que ainda permanecia exilada na Babilónia. A libertação ocorreu setenta e sete anos depois da derrota dos Judeus face a Nabucodonosor e, **como a ocasião**

faz o ladrão, o redactor sacerdotal não deixou escapar a oportunidade de acrescentar ao livro de Jeremias uma profecia a *posteriori* em que se anunciavam os pormenores da invasão dos Babilónios, as condições do exílio, a duração de setenta anos e a chegada dos Persas (Jer 25,8-14) ⁽⁸²⁾. ⁽⁸³⁾ (itálico do original)

[...] Os peritos em exegese bíblica, há mais de um século, não somente demonstraram que a Epístola aos Hebreus, as duas a Timóteo, a enviada a Tito, a segunda aos Tessalonicenses não são de Paulo, como, além disso, mantêm sérias dúvidas quanto à autoria pauliana da Epístola aos Colossenses e a dirigida aos Efésio. ⁽⁸⁴⁾

b) *As várias faces de Jesus*

[...] A segunda linha de defesa teve bom êxito e sobrevive até hoje. Ela apresenta João como o biógrafo supremo de Jesus, autor do Evangelho espiritual. Familiarizado com a obra dos seus predecessores, diz-se que ele evitou deliberadamente repetir a maioria das suas histórias, exceto o relato da Paixão, que se limitou a suplementar e enriquecer os seus registros com discursos inteiros atribuídos a Jesus, e em geral a desenvolver doutrinariamente e aperfeiçoar as suas narrativas.

Nenhuma leitura crítica dos quatro Evangelhos justifica tal compreensão de João. Pois é óbvio para qualquer leitor imparcial, sem viés religioso, que, se o Quarto Evangelho está certo, seus

precursores têm de estar errados, ou vice-versa. **Os Sinópticos e João não podem estar simultaneamente corretos, pois o primeiro atribui a Jesus uma carreira pública que dura um ano, ao passo que João a estende em dois ou três anos, mencionando duas ou possivelmente três celebrações da Páscoa consecutivas durante o ministério de Jesus na Galileia e na Judeia.** Do mesmo modo, se for exata a datação de João da crucificação na *véspera* da Páscoa, isto é, em 14 Nisan, os Sinópticos, que descrevem a Última Ceia como um jantar de Páscoa e situam os acontecimentos que conduzem à execução em 15 Nisan, têm de estar errados. Ou para hebrizar e adaptar apropriadamente o provérbio inglês à situação da Páscoa judaica, não é possível guardar o pão ázimo e comê-lo! ⁽⁸⁵⁾

A Primeira Epístola de Pedro, dirigida às comunidades cristãs perseguidas, também é **atribuída por quase todos os especialistas em Novo Testamento a um pseudônimo, isto é, não é tida como obra do apóstolo Pedro.** Na virada do primeiro século d.C., a autoria apostólica, real ou fictícia, era necessária para que um texto adquirisse autoridade. Daí os dúbios Joãos, Judas, Pedros e Tiagos. Porém, o grego de 1Pedro entrega o jogo: é bom demais para ser obra de um pescador galileu “iletrado e sem posição social” (At 4:13). Além disso, a perseguição nela pressuposta não pode ter ocorrido antes do reinado do imperador Domiciano (81-96 d.C.), época em que

Simão-Pedro-Cefas já não estava vivo. Acredita-se que ele foi martirizado sob Nero, isto é, antes de 68 d.C. [...]. ⁽⁸⁶⁾

A Epístola de Tiago deu muita dor de cabeça aos intérpretes cristãos desde a época da Reforma até os nossos dias. Tiago, “um servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo”, é geralmente tomado por Tiago, “o irmão do Senhor”, o principal apóstolo judeu-cristão segundo o livro dos Atos. **Para estudiosos críticos, Tiago é um pseudônimo e eles datam a epístola do final do primeiro século d.C. Sua recusa de atribuí-la ao irmão de Jesus se baseia na excelência do grego do autor e na ausência de qualquer menção à circuncisão compulsória e à observância de rituais judaicos entre cristãos.** Segundo Paulo e seu círculo as marcas registradas de Tiago e do seu “partido da circuncisão”. Na verdade, o autor da carta enfatiza apenas os preceitos morais dos Dez Mandamentos, que descreve como lei da liberdade outorgada pelo Rei divino (Tg 2:8-13). Seja como for, a epístola, que provavelmente **foi originada no último terço do primeiro século d.C., pode no máximo ser indiretamente atribuída a Tiago, que foi apedrejado até a morte em 62 d.C. [...].** ⁽⁸⁷⁾

[...] Os habitantes do lugar chamado alternativamente de Gergesa, Gerasa ou Gadara rogaram-lhe polidamente que se afastasse do seu território. Sem dúvida, estavam ressentidos com a perda dos seus suínos, os quais, como ratos, arrojaram-se no lago e morreram, depois que –

conforme as pessoas pensaram – Jesus permitiu que demônios exorcizados entrassem no rebanho local de porcos (Mc 5:11-17; cf. Mt 8:30-34; Lc 8:32-7). O local mais provável desse episódio é Gergesa, perto da margem oriental do lago. Variantes dos Manuscritos identificam a cidade como Gadara (Jerash). **Mas se os suínos tivessem partido de qualquer um desses lugares, teriam tido de voar em vez de saltarem, se fosse para desembarcarem no Mar da Galileia. [...].** ⁽⁸⁸⁾

[...] A única ocasião em que se relata estar ele **[Jesus] envolvido em escrever** é na história da mulher surpreendida em adultério (Jo 8:8), **uma passagem definitivamente não-autêntica do Novo Testamento**, já que não aparece nos manuscritos gregos mais importantes. [...]. ⁽⁸⁹⁾

Portanto, são várias situações com as quais se derruba a inspiração e inerrância bíblica, apregoada pelos dogmáticos.

Conclusão

O que se percebe dos que se apressam em apontar textos da Bíblia, para justificar sua origem divina, é que não se dão ao trabalho de pesquisa, não analisam nada. E questionar? Nem pensar! Já que, para eles, tudo que lá se encontra é absolutamente verdadeiro. É claro que, diante dessa premissa, certamente não conseguirão ver nenhum erro ou contradição, por mais óbvios que sejam.

Apenas cabe-nos apresentar alguma coisa visando a corroborar tudo quanto foi colocado anteriormente, já que, pela consistência e coerência, inclusive, quanto ao número significativo de exegetas envolvidos nas traduções, revisões e estudos bíblicos aqui citados, nos alinhamos com as opiniões mostradas neste estudo.

Começaremos por um questionamento bem simples: será que o termo “Escritura”, dito por Paulo, se refere à Bíblia como um todo? A resposta

encontraremos na explicação ao passo 2 Timóteo 3,15-16: *“Neste tempo, o NT estava ainda em período de gestação. Por isso, o termo 'Escrituras' refere-se, em concreto aos livros do AT”* ⁽⁹⁰⁾. Isso é um golpe mortal naquilo que se apresenta como forte indício da inspiração divina ser “capa a capa”.

Mas estaria essa informação coerente com os textos bíblicos? Sim, pois Paulo foi, acima de tudo, um ferrenho defensor do Evangelho e que, ao mesmo tempo, combatia a Lei.

Pode-se, por exemplo, vê-lo, num corpo a corpo, contra a circuncisão, ritual judaico, contido no Antigo Testamento (Levítico 12,3) que determinava que todos os meninos deveriam ser circuncidados, aos oito dias de nascido. Isso era aplicado, talvez por analogia, aos convertidos não procedentes do judaísmo.

Assim é que, nos primórdios do cristianismo, queriam aplicar essa lei aos que se convertiam a essa nova crença; mas que ainda não haviam sido circuncidados. A atitude de Paulo, quanto a isso, foi radical:

*“De resto, cada um continue vivendo na condição em que o Senhor o colocou, tal como vivia quando foi chamado. É o que ordeno em todas as igrejas. Alguém foi chamado à fé quando já era circuncidado? Não procure disfarçar a sua circuncisão. Alguém não era circuncidado quando foi chamado à fé? Não se faça circuncidar. **Não tem nenhuma importância estar ou não estar circuncidado. O que importa é observar os mandamentos de Deus.**” (1 Coríntios 7,17-19)*

Seu combate à legislação mosaica ainda poderá ser visto em:

Romanos 7,4-6: *“Meus irmãos, o mesmo acontece com vocês: pelo corpo de Cristo, **vocês morreram para a Lei, a fim de pertencerem a outro**, que ressuscitou dos mortos, e assim produzirem frutos para Deus. De fato, quando vivíamos submetidos a instintos egoístas, as paixões pecaminosas serviam-se da Lei para agir em nossos membros, a fim de que produzíssemos frutos para a morte. Mas agora, morrendo para aquilo que nos aprisionava, **fomos libertos da Lei, a fim de servirmos sob o regime novo do Espírito**, e não mais sob o velho regime da letra.”*

Gálatas 2,21: *“Portanto, não torno inútil a graça de Deus, porque, **se a justiça vem através da Lei, então Cristo morreu em vão.**”*

E o próprio Jesus, também estabelece essa divisão, entre a nova lei e a lei mosaica, quando disse que *“a Lei e Profetas vigoraram até João”* (Lucas 16,16), ou seja, esse foi o período – de Moisés a João Batista –, no qual ela teve valor como regra religiosa, depois, só aquilo que estiver relacionado à missão de Jesus que foi a de implantar o Evangelho.

Essa, sim, foi a grande preocupação de Paulo, conforme, para exemplo, podemos ver nessas passagens:

Romanos 1,1: *“**Paulo**, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo e **escolhido para anunciar o Evangelho** de Deus.”*

Romanos 1,16: *“**Não me envergonho do Evangelho, pois ele é força de Deus** para a salvação de todo aquele que acredita, do judeu em primeiro lugar, mas também do grego.”*

Romanos 10,16: *“Mas, **nem todos obedeceram ao Evangelho.** Isaías diz: ‘Senhor, quem acreditou em nossa pregação?’”*

Romanos 15,16: *“Sou ministro de Jesus Cristo entre os pagãos, e a **minha função sagrada é anunciar o Evangelho de Deus**, a fim de que os pagãos se tornem oferta aceita e santificada pelo Espírito Santo.”*

1 Coríntios 1,17: *“**De fato, Cristo não me enviou para batizar, mas para anunciar o Evangelho**, sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo.”*

1 Coríntios 9,16: *“**Anunciar o Evangelho** não é título de glória para mim; pelo contrário, **é uma necessidade que me foi imposta**. Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!”*

1 Coríntios 15,2: *“**É pelo Evangelho que vocês serão salvos**, contanto que o guardem do modo como eu lhes anunciei; do contrário, vocês terão acreditado em vão.”*

Deixaremos aos que, porventura, ainda queiram alegar que Paulo pregava a validade das “Escrituras”, como um todo, o ensejo de nos apresentarem as passagens em que ele estaria, porventura, dando essa orientação.

Nem mesmo a podemos considerar como sendo toda a revelação divina, pois Cristo não deixou

dúvida quanto a isso ao afirmar: *“Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar”* (João 16,12), reservando, portanto, para o futuro outras revelações, quando passariam a ter melhores condições de assimilá-las.

E, para finalizar, vemos que todas as opiniões, que citamos neste estudo, a respeito de serem outros os autores das epístolas mencionadas, são, de fato, coerentes, o que poderemos confirmar com o autor de uma das cartas atribuídas a Paulo que reclamara sobre isso; vejamos:

2 Tessalonicenses 2,1-3: *“Agora, irmãos, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e ao nosso encontro com ele, pedimos a vocês o seguinte: não se deixem perturbar tão facilmente! Nem se assustem, como se o Dia do Senhor estivesse para chegar logo, **mesmo que isso esteja sendo veiculado por alguma suposta inspiração, palavra, ou carta atribuída a nós.** Não se deixem enganar de nenhum modo!”*

Assim, não há alternativa mais coerente, senão aquela de aceitar a hipótese levantada por Renan de que as três cartas pastorais (as duas a Timóteo e

uma a Tito) são, sem dúvida alguma, apócrifas.

A consequência disso é que, por tabela, a pessoa encarregada de escolher os livros para comporem a “Vulgata”, S. Jerônimo (c. 347-420), fatalmente, também, ele não estava “totalmente” inspirado pelo Espírito Santo, segundo afirmou Clemente VIII (Papa de 1592 a 1605), derrubando todo o alicerce dos que advogam tal coisa.

O biblicista José Reis Chaves trata deste assunto em seu livro ***A Face Oculta das Religiões***, o qual, pessoalmente, nos resumiu da seguinte forma:

É óbvio que se existisse a tal de inspiração tal qual dizem, São Jerônimo teria que ser o mais inspirado, pois foi ele que escolheu os livros tidos como canônicos (legais), verdadeiros, o que não aconteceu com os apócrifos (ocultos, desconhecidos), para formar a Vulgata. Lembremos de que a Vulgata já existia, mas foi a de São Jerônimo que se tornou oficial e aprovada pelo Papa Dâmaso e passou a ser a Bíblia do cristianismo, com seu Velho e Novo Testamentos. (CHAVES, 2007)

Por tudo isso, e, especialmente, por vários outros textos, nos quais estudamos inúmeras outras passagens bíblicas, acabam derrubando, inevitavelmente, e a contragosto de muitos bibliólatras, a crença literal de que é a palavra de Deus e de que ela é toda inspirada por Deus, colocando a Bíblia, como um livro de cunho eminentemente humano.

Certamente, que nossa opinião, reconhecemos, não tem mesmo um grande valor, mas, pelo menos, ela vai ao encontro da conclusão pessoal a que também chegou Ehrman, considerado por muitos estudiosos como sendo a maior autoridade em Bíblia do mundo. Nosso conhecimento, pois, nem de longe se pode comparar com o dele.

Antes de finalizar esse estudo, voltemos, mais uma vez, ao eminente filósofo holandês Espinosa que, em **Tratado Teológico-Político**, disse:

[...] Não quero, no entanto, acusar de impiedade os adeptos das várias seitas por adaptarem às suas opiniões as palavras da Escritura. [...] **Acusos-os de não querer reconhecer aos outros a mesma liberdade e perseguir como inimigos de**

Deus todos os que não pensam como eles, por mais honestos e praticantes da verdadeira virtude que sejam, ao mesmo tempo que estimam como eleitos de Deus os que os seguem em tudo, ainda quando se trata de pessoas moralmente incapazes. ⁽⁹¹⁾

[...] **A fé, portanto, concede a cada um a máxima liberdade de filosofar, de tal modo que se pode, sem cometer nenhum crime, pensar o que se quiser sobre todas as coisas.** As únicas pessoas que ela condena como heréticas e cismáticas são as que ensinam opiniões que incitem à insubmissão, ao ódio, às dissensões e à cólera; em contrapartida, só considera fiéis aqueles que, tanto quanto a sua razão e as suas capacidades lhes permitem, espalham a justiça e a caridade. ⁽⁹²⁾

Ao encerrar este estudo, convém deixar bem explícito que o nosso objetivo, desde o início, é somente a busca da verdade, aliás, essa deveria ser a meta de todos nós. Plena razão tem o teólogo alemão Holger Kersten, quando, em ***Jesus viveu na Índia***, afirmou:

Uma pessoa que frequenta uma igreja cristã não pode deixar de assumir uma postura crítica, frente à proliferação de obscuros artigos de

fé, e dos deveres e obrigações que a envolvem. Sem termos tido outros conhecimentos, e **por termos crescido sob a única e exclusiva influência do estabelecido, somos levados a acreditar que, por subsistirem há tanto tempo, devem, necessariamente, ser verdade.** ⁽⁹³⁾

Em hipótese alguma deveremos deixar de procurar a verdade, porquanto, é através disso que estaremos indo ao encontro dessas palavras de Jesus: *“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”* (João 8,32).

Descobrimos um pensamento de Paulo, do qual temos, frequentemente, nos utilizado, e que é: *“[...] o Senhor é o Espírito; e onde se acha o Espírito do Senhor aí existe a liberdade”* (2 Coríntios 3,17). Isso que nos leva à conclusão de que, onde não existe liberdade, o Espírito do Senhor não se encontra.

Mas o que isso tem a ver com o assunto em pauta? Poderá alguém nos perguntar. Em princípio nada, mas quando ficamos sabendo o que ocorre “por detrás dos bastidores”, vemos sua aplicação prática.

Leiamos o seguinte relato constante de **O que**

Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê:

Bruce me convenceu a tentar me tornar um cristão “sério” e a me dedicar por inteiro à fé cristã. Isso significava estudar Escrituras em período integral no Moody Bible Institute, o que, entre outras coisas, implicaria uma drástica mudança de estilo de vida. ...matriculei-me no Moody, entrei e lá permaneci até o segundo semestre de 1973.

A experiência no Moody foi intensa. Decidi me formar em teologia bíblica, o que significava encarar muito estudo bíblico e vários cursos de teologia sistemática. **Ensinava-se uma só perspectiva em todos esses cursos, subscrita por todos os professores (eles todos assinavam um termo de compromisso) e por todos os estudantes (nós também o assinávamos): a Bíblia é a palavra infalível de Deus.** Ela não contém erros. É completamente inspirada e é, em todos os seus termos, “inspiração verbal plena”. Todos os cursos que fiz pressupunham e ensinavam e ensinavam essa perspectiva; qualquer outra era considerada desviante e até mesmo herética. **Acho que alguém pode chamar isso de lavagem cerebral.** [...] ⁽⁹⁴⁾

Entendemos, assim, que, com esse modesto estudo, temos boas chances de convencer a muitos,

mas não aos doutos e críticos, já que estamos cientes de que a “técnica de lavagem cerebral” se aplica por aí a mancheias, o que resulta na validade do ditado popular: *“o pior cego é aquele que não quer ver”*.

Referências bibliográficas

A Bíblia Anotada. 8ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia do Peregrino, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Mensagem de Deus - Novo Testamento. São Paulo: Loyola, 1984.

Bíblia Sagrada, 37ª edição. São Paulo: Paulinas, 1980.

Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida – SP: Santuário, 1984.

Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis – RJ: Vozes, 1989.

Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, 43ª impressão, São Paulo: Paulus, 2001.

Bíblia Sagrada, s/edição. Brasília – DF: Sociedade Bíblica do Brasil 1969.

Bíblia Sagrada. 68ª edição. São Paulo: Ave-Maria, 1989.

Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.

- ARMSTRONG, K. ***A Bíblia: uma biografia***. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BARRERA, J. T. ***A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia***. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BLAINEY, G. ***Uma breve história do cristianismo***. São Paulo: Fundamento, 2012.
- CHAMPLIN, R. N. ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 6***. São Paulo: Hagnos, 2005.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 1***. São Paulo: Candeia, 1995a.
- CHAVES, J. R. ***A Face Oculta das Religiões: Uma Visão Racional da Bíblia***. Santo André - SP: EBM, 2006.
- EHRMAN, B. D. ***O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem Mudou a Bíblia e Por Quê***. São Paulo: Prestígio, 2006.
- EHMAN, B. D. ***Pedro, Paulo e Maria Madalena***. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- EHRMAN, B. D. ***Quem escreveu a Bíblia?: Porque os autores da Bíblia não são quem pensamos que são***. Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- EHRMAN, Bart D. ***Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: Mais Revelações Inéditas Sobre as Contradições da Bíblia***. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- ESPINOSA, B. ***Tratado Teológico-Político***, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- FOX, R. L. ***Bíblia: Verdade e Ficção***. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- JOHNSON, P. ***História do Cristianismo***. Rio de Janeiro: IMAGO, 2001.
- JOSEFO, F. ***História dos Hebreus***. Rio de Janeiro: CPAD, 7ª ed. 2003.
- KERSTEN, H. ***Jesus Viveu na Índia***, São Paulo: Best Seller, 1988.
- LETERRE, A. ***Jesus e sua Doutrina: a Distinção Entre Cristianismo e Catolicismo: Um Estudo que Remonta há Mais de 8.600 anos***. São Paulo: Madras, 2004.
- ORÍGENES. ***Tratado sobre os Princípios***. São Paulo: Paulus, 2017.
- RENAN, E. ***Paulo - o 13º apóstolo***. São Paulo: Martin Claret, 2004a.
- RENAN, E. ***Vida de Jesus***. São Paulo: Martin Claret, 2004b.
- RODRÍGUEZ, P. ***Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi Manipulada***. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- SOUZA, J. P. ***Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica***. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.
- STROBEL, L. ***Em Defesa de Cristo: Um Jornalista Ex-ateu Investiga as Provas da Existência de Cristo***, São Paulo: Vida, 2001, em PDF.
- VERMES, G. ***As Várias Faces de Jesus***. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Internet:

FARIAS, R. *Falácias e Erros de Raciocínio*, disponível em: <https://pt.scribd.com/document/296147333/Falacias-e-Erros-de-Raciocinio>. Acesso em 22 nov. 2017.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os profetas previram episódios da vida de Jesus?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previram-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>. Acesso em: 06 set. 2024.

capa:

http://www.littlenaturalcottage.com/wp-content/uploads/2011/06/word.light_.jpg. Acesso em 22 nov. 2017.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhões, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos/ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*,

2) Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III; 3) Racismo em Kardec?; 4) Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?; 5) A Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 16) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 17) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 18) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 19) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 21) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 22) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 23) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 24) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 25) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 26) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 27) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 28) Haveria Fetos Sem Espírito?; 29) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; e 30) Herculano Pires diante da Revista Espírita.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 ESPINOSA, *Tratado Teológico-Político*, p. 13.
- 2 ESPINOSA, *Tratado Teológico-Político*, p. 129.
- 3 ESPINOSA, *Tratado Teológico-Político*, p. 137.
- 4 ESPINOSA, *Tratado Teológico-Político*, p. 208.
- 5 ESPINOSA, *Tratado Teológico-Político*, p. 213.
- 6 ESPINOSA, *Tratado Teológico-Político*, p. 228.
- 7 ESPINOSA, *Tratado Teológico-Político*, p. 301.
- 8 FARIAS, *Falácias e Erros de Raciocínio*, disponível em: <https://pt.scribd.com/document/296147333/Falacias-e-Erros-de-Raciocinio>
- 9 ESPINOSA, *Tratado Teológico-Político*, p. 114.
- 10 ESPINOSA, *Tratado Teológico-Político*, p. 181.
- 11 ESPINOSA, *Tratado Teológico-Político*, p. 225-226.
- 12 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. Vol. 1, p. 36.
- 13 N.T. (Nota da transcrição): Geo Widengren. *The Ascension of the Apostle and the Heavenly Book*, Uppsala e Leipzig. 1950, *passim*; Wilfred Cantwell Smith, *What Is Scripture? A Comparative Approach*, Londres, 1993, p. 59-61.
- 14 ARMSTRONG, *A Bíblia: uma biografia*, p. 17-18.
- 15 ARMSTRONG, *A Bíblia: uma biografia*. p. 30.
- 16 N.T.: Jacob Neusner, "Judaism and Christianity in the First Century", in Philip R. Davies e Richard T. White (orgs.) *A Tribute to Geza Vermes; Essays in Jewish and Christian Literature and History*, Sheffield, 1990, p. 256-7.
- 17 ARMSTRONG, *A Bíblia: uma biografia*, p. 46-47.

- 18 STROBEL, *Em Defesa de Cristo: Um Jornalista Ex-ateu Investiga as Provas da Existência de Cristo*, citando Gregory A. BOYDE (*Jesus under siege*, Wheaton, Victor, 1995, p. 88), p. 116.
- 19 SOUZA, *Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*, p. 67.
- 20 EHRMAN, *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*, p. 17.
- 21 EHRMAN, *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*, p. 20.
- 22 EHRMAN, *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*, p. 21-22.
- 23 N.T.: Para um esboço da formação do cânon judaico das Escrituras, ver: SANDERS, James. "Canon, Hebrew Bible". In: FREEDMAN, David Noel (Ed.). *The anchor Bible dictionary*. New York: Doubleday, 1998, p. 1838-1852.
- 24 EHRMAN, *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*, p. 30.
- 25 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 712.
- 26 BARRERA, *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*, p. 194.
- 27 FOX, *Bíblia: Verdade e Ficção*, p. 100-101.
- 28 BLAINEY, G. *Uma breve história do cristianismo*, p. 43.
- 29 EHRMAN, *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia*, p. 154.
- 30 N.T.: Fredricksen, *Jesus*, p. 19.
- 31 N.T.: Há uma crença muito difundida de que Lucas era gentio, mas não há prova incontestável disso.
- 32 ARMSTRONG, K. *A Bíblia: uma biografia*, p. 71.

- 33 EHRMAN, *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*, p. 46.
- 34 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 68.
- 35 JOHNSON, *História do Cristianismo*, p. 456.
- 36 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia: Porque os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*, p. 268.
- 37 N.T.: A autoria da primeira epístola aos tessalonicenses é discutida; talvez ela não tenha sido escrita por Paulo.
- 38 ARMSTRONG, *A Bíblia: uma biografia*, p. 63-64.
- 39 VERMES, *As várias faces de Jesus*, p. 137.
- 40 EHRMAN, *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*, p. 40.
- 41 RENAN, *Paulo - o 13º apóstolo*, p.17.
- 42 N.T.: Por exemplo, as direções solenes (confronte-se com *Filémon*, 1; e contudo Paulo era menos amigo de Filémon do que de Tito e Timóteo); as longas dissertações que Paulo faz sobre o seu apostolado (I *Tim.*, I, 11 e seg.; II, 7), dissertações que, sendo dirigidas a um discípulo, são completamente inúteis; a enumeração das suas virtudes (II *Tim.*, 10,11); a sua convicção na salvação final (II *Tim.* IV, 8; cf. I *Cor.*, IV, 3-4; IX, 27) I *Tim.*, I, 13, é bem do estilo de um discípulo de Paulo. I *Tim.*, II, 2, não pode explicar-se nos últimos anos de Nero; devia ser escrito depois da proclamação de Vespasiano. *Ibid.* V, 18, encontra-se aí citada com *graphé* uma passagem de *Lucas*, X,7: ora o Evangelho de Lucas não existia, pelo menos como *graphé*, antes da morte de Paulo. Por fim a organização das igrejas, a hierarquia, o poder presbiterial e episcopal são, nessas epístolas, muito mais desenvolvidos do que seria natural supor nos últimos anos da vida de Paulo (ver. *Tit.* I,5 e seg. etc.; Timóteo recebeu as insígnias espirituais pela

imposição das mãos do colégio dos padres de Listres: I *Tim.*, IV,14). A doutrina sobre o casamento I *Tim.*, II, 15; IV,3; V,14 (cf. III, 4,12; V,10) é também de uma época mais atual e está em contradição com I *Cor.*, VII, 8 e seg., 25 e seg. O destinatário das Epístolas a Timóteo supõe-se em Éfeso; por que não se encontra nestas epístolas nenhuma comissão, nenhuma saudação específica para os efésios?

- 43 N.T.: Observe-se, por exemplo, II *Tim.*, III,10-11, ou melhor, I *Tim.*, I,3 e seg., 20; *Tit.*, I,5 e seg., e a menção de Pôncio Pilatos, I *Tim.*, VI, 13 etc.
- 44 N.T.: Destaca-se a insignificância da passagem I *Tim.*, III, 114-115, que procura mostrar razão destas inúteis ampliações.
- 45 N.T.: Compare-se I *Tim.*, I,4; IV,7; II *Tim.*, II,23; *Tit.*, III,9; I *Tim.* III, 2; *Tit.*, I,7; I *Tim.*, IV,1 e seg., II *Tim.*, III, 1 e seg.; I *Tim.*, II,7; II *Tim.*, I,11. Observe-se a analogia na maneira de introduzir no assunto. I *Tim.*, 1,3, e *Tit.* I, 5.
- 46 N.T.: II *Tim.*, I,3 (*Rom.*, I,9), 7 (*Rom.*, VIII,15); II,20 (*Rom.*, IX, 21); IV, 6 (*Fil.*, I,30; II,17; III, 12 e seg.).
- 47 N.T.: Nas duas epístolas que lhe são dirigidas observe-se que Timóteo figura como um homem ainda jovem: I *Tim.*, IV,12; II *Tim.*, II,22.
- 48 N.T.: Apesar de Lamennais ter mudado muito, o seu estilo manteve sempre a mais perfeita unidade.
- 49 RENAN, *Paulo - o 13º apóstolo*, p. 24-26.
- 50 FOX, *Bíblia: Verdade e Ficção*, p. 125.
- 51 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia?: por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*, p. 97-98.
- 52 EHMAN, *Pedro, Paulo e Maria Madalena*, p. 233.
- 53 Bíblia de Jerusalém, *Introdução às Epístolas de Paulo*, p. 1963-1964.

- 54 Bíblia Sagrada Vozes, *As Epístolas Pastorais*, p. 1407.
- 55 Bíblia do Peregrino, *Introdução – Primeira e segunda carta a Timóteo e carta a Tito*, p. 2847-2848.
- 56 Bíblia de Jerusalém, p. 2077.
- 57 ORÍGENES, *Tratado Sobre os Princípios*, p. 9.
- 58 ORÍGENES, *Tratado Sobre os Princípios*, p. 40.
- 59 Bíblia de Jerusalém, p. 2035.
- 60 Bíblia de Jerusalém, p. 2121.
- 61 SILVA NETO SOBRINHO, *Os profetas previram episódios da vida de Jesus?*, link:
<https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previram-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>.
- 62 Bíblia de Jerusalém, p. 2124.
- 63 Bíblia Sagrada Paulinas 1977, p. 1333 e 1980, p. 1333.
- 64 Bíblia de Jerusalém, p. 15.
- 65 Bíblia Sagrada Vozes, p. 1525.
- 66 Bíblia Sagrada – Paulinas (1977), p. 1333.
- 67 Bíblia Sagrada – Paulinas (1957), p. 11-12.
- 68 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 29.
- 69 Bíblia de Jerusalém, p. 2105.
- 70 Bíblia Sagrada Vozes, p. 1439.
- 71 VERMES, *As várias faces de Jesus*, p. 137.
- 72 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – vol. 6*, p. 172.
- 73 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – vol. 6*, p. 173-174.
- 74 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 7.

- 75 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 19.
- 76 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 30.
- 77 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada.*], p. 32-33.
- 78 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, 44-45.
- 79 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 47.
- 80 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 49.
- 81 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 50.
- 82 N.T.: "... eis que convocarei todas as tribos do Norte - oráculo de lavé - e Nabucodonosor, rei da Babilónia, meu servo, e os farei marchar contra esse país e contra seus habitantes, e contra todas as nações à volta, destruí-los-ei, convertê-lo-ei em desolação, transformá-lo-ei em objectos de horror, de irrisão e de vergonha eterna. Farei desaparecer do meio deles os cânticos de alegria, as vozes de júbilo. [...] E todo país ficará reduzido a ruínas e a desolação, e seus habitantes servirão o rei de Babilónia, durante setenta anos. Ao fim dos setenta anos, ajustarei contas com o rei da Babilónia e, devido às suas maldades, destruirei a terra dos Caldeus e a converterei em eterna desolação. E farei que se abata sobre aquela terra tudo o que está escrito neste livro, o que foi profetizou Jeremias contra todos os povos" (Jer 25,8-13). **Pelo seu conteúdo, pelo tom utilizado e pelo contexto, é óbvio que esta profecia foi acrescentada ao texto original de Jeremias**, depois do exílio, uma vez decorridos os factos que anuncia. O que é curioso é que, no último

parágrafo, lavé não reconhece como sendo suas, mas de Jeremias, as outras *profecias* contidas “neste livro”. Queria Deus daí lavar as mãos? Ou ter-se-ia lavé convertido no “relações publicas” do profeta Jeremias?

- 83 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 53-54.
- 84 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 80.
- 85 VERMES, *As várias faces de Jesus*. 18.
- 86 VERMES, *As várias faces de Jesus*, 135-136.
- 87 VERMES, *As várias faces de Jesus*, p. 138-139.
- 88 VERMES, *As várias faces de Jesus*, p. 198.
- 89 VERMES, *As várias faces de Jesus*, p. 231.
- 90 Bíblia Sagrada Edição Santuário, p. 1768.
- 91 ESPINOSA, *Tratado Teológico-Político*, p. 215.
- 92 ESPINOSA, *Tratado Teológico-Político*, p. 222.
- 93 KERSTEN, *Jesus viveu na Índia*, p. 12-13.
- 94 EHRMAN, *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*, p. 14.